



O Grande Segredo

PREQUEL DE SEGREDOS
REVELADOS

JÉSSICA DRIELY



O Grande Segredo

PREQUEL DE SEGREDOS
REVELADOS

JÉSSICA DRIELY

Contents

[Copyright](#)

[Nota da autora](#)

[Capítulo Único](#)

[Agradecimentos](#)

O Grande Segredo ©Copyright 2019
— Jéssica Driely

Todos os direitos reservados
Nenhuma parte deste livro pode
ser utilizada ou reproduzida sob
quaisquer meios existentes sem
autorizações por escrito da autora.

Está é uma obra de ficção
qualquer semelhança, com nome,
pessoas, locais ou fatos será mera
coincidência.

PERIGOSAS NACIONAIS

Revisão: Bia Carvalho
Lumie Studios – Capista

PERIGOSAS ACHERON

Nota da autora

Oi, meus amores!

Essa prequel foi escrita há algum tempo, mas como sempre tenho várias histórias guardadas e nunca as tiro das gavetas... Aqui vocês terão uma introdução para Segredos Revelados com lançamento previsto para Dezembro.

Espero que gostem deste O Grande Segredo, pois em dezembro várias descobertas tomarão conta de uma trama que promete ter violência, drama, sangue e uma dose de amor.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

*Para Jéssica Laine, minha primeira
leitora, a pessoa que me motiva,
minha gêmea de nome.*

*E para Bia Carvalho, a pessoa
fundamental para essa prequel
ser lançada. Sem você não
existiria O Grande Segredo.*



Link spotify - [O Grande Segredo](#)

1 – Sonata n° 14 “Moonlight” - Ludwig van Beethoven

2 – Fur Elise, WoO 59 - Ludwig van Beethoven

3 – Primavera, RV 269 - Andante Baroque Consort

4 – Rêverie – Claude Debussy

5 – Symphony n° 9 in D minor - Ludwig van Beethoven

6 – The Phantom Of The Opera - Andrew Lloyd Webber

7 – Suite Bergamasque - Claude Debussy

8 – Tchaikovsky: Swan Lake – Pyort Ilyich

9 – Cello Suite n° 1 - Johann Sebastian Bach

*10 – Première Gymnopédie - Erik Satie e
Alexandre Tharaud*

*11 – The Music Of The Night – Charles Hart e
Richard Stilgoe*

*“E o que não posso e não quero
exprimir fica sendo o mais secreto
dos meus segredos.”*

Clarice Lispector

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Único



REINO DE AMITELE, SÉCULO XVI.

Às vezes, ser princesa é um grande sacrilégio.

Da minha cadeira posta à mesa, olho para todas as crianças que podem possuir a sua liberdade, coisa que não tenho o direito de nem ao menos sonhar. Elas brincam, correm, se sujam e esbanjam na comilança. Enquanto eu sou obrigada a ficar sentada – com toda a minha pose de uma boa dama que não pode amassar o vestido – e observo tudo na extrema calma e paciência.

Queria estar lá, com elas, sujando meu vestido de seda com a lama da chuva que teve

início mais cedo e só terminou agora há pouco. Queria, ao menos uma vez, colocar o meu pé na terra sem ter que ouvir alguma repreenda: *“princesas não fazem isso, princesas não fazem aquilo”*.

Como alguém pode querer ser princesa? Se soubessem por tudo que uma passa, pensariam seriamente antes de almejam se tornar algum membro real. Nada é belo como parece, metade do que você deseja não pode ter, não tem a liberdade de fazer o que bem entender e muito menos comer o que quiser. Realmente as pessoas não sabem o quanto isso é horrível.

Conheço um reino onde o príncipe se apaixonou por uma plebeia, e eles se casaram e viveram felizes para sempre. Mentira! Lembro-me muito bem de ver como a plebeia ficava infeliz por ser proibida de fazer algumas das coisas que fazia bem antes de conhecer o tal príncipe. Imagino como ela deve ter sofrido por abandonar toda a sua essência por causa de amor.

Vidas de príncipes também não são fáceis, então, não posso dizer que viver em qualquer parte de um reino seja bom. Nem se você for um serviçal, pois até eles sofrem com as mesquinharias

de quem é de um nível mais elevado. Todos trabalham dia e noite para deixar tudo lindo, brilhante e impecável, mas mesmo fazendo tudo na perfeição, ainda escutam impropérios.

Hoje, com treze anos, a única coisa que queria era estar comendo alguma fruta, no quintal, ou um doce que Mary – nossa cozinheira – sempre prepara. No entanto estou aqui, sentada ao lado direito do meu pai, enquanto minha mãe permanece ao lado esquerdo. A mesa está repleta de comida, e as cadeiras de madeira, com vários desenhos talhados a ouro, que representam o Reino de Amitele, ficam alinhadas, mas a única que importa é a do meu pai.

Não sei muito bem o que está acontecendo, mas imagino que seja algo marcante, afinal, os nossos inimigos do reino vizinho encontram-se sentados à nossa mesa – que foi disposta debaixo de uma lona no jardim, para que todos apreciassem a vista – e comendo da nossa comida. Olho para os lados e não visualizo os príncipes, filhos do Rei Reiner, do reino de Cremere. A presença deles parece não ser importante para o almoço de “negócios”, mas sei que estão aqui, pois os vi chegando.

Também queria ter a opção de sumir deste lugar

PERIGOSAS NACIONAIS

que me causa ânsia, pois se os príncipes podem, eu também deveria ter esta opção.

Horas se passam, e além do meu espartilho estar tirando todo o meu ar, pela posição que estou sentada, a anágua do meu vestido começa a me incomodar, mas não faço um único movimento, pois sei que seria pior para mim. Depois que papai terminasse tudo o que está resolvendo, descontaria com algum tapa em meu rosto, como já fizera muitas vezes.

Dou graças aos céus quando ele pousa seu garfo ao lado do prato, finalizando esta refeição tão demorada. Sinto uma felicidade tremenda, pois isso é o sinal de que precisamos para que possamos nos retirar. Assim que os dois voltam para dentro do castelo — provavelmente para o escritório de reuniões —, conversando como dois amigos de longa data, eu me levanto, espreguiçando-me. É como se um peso tivesse sido retirado do meu corpo, deixando-o mais leve.

— Mamãe, posso andar pelo jardim? — pergunto e, assim que obtenho um aceno de confirmação, saio apressada para bem longe de tudo e vou para o lugar que sempre admirei: as roseiras que levam ao o labirinto.

PERIGOSAS ACHERON

Amo tudo que contém no reino, mas o jardim do castelo e o labirinto pelo qual tanto sou apaixonada são as partes mais importantes para mim em todo o mundo, é onde me sinto livre, onde posso guardar meus segredos sem que ninguém desconfie, embora estes ainda fossem muito lúdicos e infantis.

Entro no labirinto. Conheço tão bem as saídas secretas que às vezes os guardas reais vêm atrás de mim e eu os faço se perderem, deixando-os desorientados. É muito engraçado!

— Perdida, princesa? — Levo um susto e me viro, colocando a mão em meu coração. Sinto meu peito retumbar, mas ao ver aqueles olhos claros, em uma mistura de azul e verde, me acalmo mais.

É só o filho mais velho do rei Reiner. Se eu não estiver enganada, seu nome é Victor.

— Não, conheço todo o labirinto como se fosse a palma da minha mão — digo, petulante, empinando meu nariz para ele.

— Ah, sim, como poderia não conhecer se passou toda sua vidinha medíocre aqui, não é mesmo?! — ele soa arrogante.

— Não seja grosseiro, eu não lhe dou esse direito.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não precisa me dar nenhum direito, eu falo o que quero quando desejo.

— Acho que no seu reino não existem professores de etiqueta, não é mesmo?

— Não nos importamos com isso, só pessoas fúteis que não têm nada para fazer, a não ser bordar seus pequenos enfeites, ou princesas mimadas, que possuem certas regalias desprezíveis. — Vejo um sorriso de escárnio brotar em seus lábios.

— Você está me chamando de desprezível sem nem ao menos me conhecer?

— Sim, pois sei que você é como todas as outras.

— Outras? — mas nem espero que ele responda meu questionamento, apenas volto a perguntar. — Como ousa?

— Eu já disse que faço o que bem entender. — Ele sorri de canto, passa a mão por seu cabelo, e já não bastava me tratar tão mal, joga outra revelação sobre mim. — O que me alegra é saber que ao menos o seu prometido não sou eu, e, sim, o meu irmão.

Eu posso ter escutado tudo errado, mas no momento em que ouvi a palavras “prometido e irmão” na mesma frase, meu mundo parou. Parece

PERIGOSAS ACHERON

que tudo ao meu redor atingiu um estado de letargia, porque até mesmo a minha visão perdeu o foco por alguns minutos.

Como assim, prometido?

Eu tenho 13 anos, isso não pode acontecer!

— Não sei do que está falando — digo com a voz trêmula, perdendo a pose de menina má.

— Fique tranquila, pequeno floco de neve, daqui a pouco você saberá.

Tocando levemente em meu queixo com dois dedos, o príncipe Victor se retira, deixando-me sem chão, sem saber o que ele quis dizer.

Sem acreditar em tudo o que ele disse, deixo minhas pernas bambas perderem o resto de força e sento-me no chão. Horas se passam e no fundo do meu coração sinto que tudo pode ser verdade, afinal, o reino inimigo está em nossas terras e se isso não era motivo para uma união eu não saberia falar o que era.

E um dos príncipes afirmou com toda convicção que eu estava prometida. Ele não inventaria algo dessa magnitude, e é exatamente ele que vem em minha mente: Victor Leopoldo Linsop desdenhou de mim, e isso faz com que o sentimento de ódio nasça em meu coração.

PERIGOSAS NACIONAIS

Princesas foram criadas para serem bondosas, porém, nem tudo é perfeito.

Mas o meu ódio se transforma em decepção quando a noite cai. Na hora do jantar, anunciam, sem se importarem com os meus sentimentos, que para que a harmonia de dois reinos, que sempre viveram em guerra, entre nos eixos e para que a paz se instale para sempre entre eles, um casamento foi prometido. Na verdade, o *meu* casamento... e quando eu, Emília Elizabeth Marie Aquarel, princesa do reino de Amitele, filha do rei Sebastian Joseph Aquarel, completar vinte e um anos, serei esposa do príncipe mais novo do reino de Cremere, Richard Leopoldo Linsop, que estará com vinte e dois anos na data de consumar a sua união comigo.

E uma das regras era que meu marido deveria morar em meu reino, pois ele não era o próximo na linha de sucessão. Era um tratado de paz que acabaria com a minha paz de espírito.

Sim, meu futuro já estava traçado, e ele não era nada do que imaginava. Eu era somente o fantoche do reino de Amitele. E foi nesse dia que tudo começou a despedaçar. Ninguém percebeu, até acontecer.

PERIGOSAS ACHERON



A janela sempre foi muito atrativa para mim, pois dela posso ver o campo verdejante, as árvores livres, mas se eu mantiver o foco consigo enxergar também o muro altíssimo que fica em torno da planície do palácio. E é com este muro que comparo meus sentimentos. Uma prisão que é floreada e, para quem está de fora, um lindo objeto para apreciar.

Eu queria só roubar um pouco de liberdade, algo que sempre me foi negado. Tenho certeza de que se eu tivesse esse pequeno milagre, faria uso da melhor maneira possível. Talvez com ele eu pudesse ser impedida de casar.

Casar com um homem que eu vi quando ainda era criança, um príncipe que era nosso inimigo e de repente virou o melhor amigo de todos, mesmo que as pessoas não o vissem há oito anos.

Pensar nisso faz com que eu me lembre daquele

maldito dia. A mágoa que tenho guardada no meu peito ficará para sempre em meu coração. Meu relacionamento com o meu pai nunca mais foi o mesmo e com minha mãe muito menos. Só que nunca os desrespeitei e sempre cumpri o que me foi dado como dever, no entanto, sinto-me traída por eles me tratarem como um objeto de troca, e isso é imperdoável.

A vontade de fugir e nunca mais voltar sempre bate, só que nunca consigo cumpri-la, pois a paz só foi estabelecida em meu reino por esse casamento. Nunca seria capaz de fazer isso com meu pai nem destruir os sonhos de todos os que confiam no rei por um capricho meu.

Eu só sei que essa semana os príncipes Richard e Victor chegarão ao reino, para que eu passe um mês com o meu prometido, para ir me acostumando com ele, afinal, o casamento está próximo. Só não sei o motivo de Victor o acompanhar, mas imagino que seja para servir de companhia.

A visita de Richard foi um pedido meu, aliás, depois de tomar muita coragem, e meu pai aceitou de bom grado. Afinal, ele acha que é certo eu já ir estreitar os laços com o *amor* da minha vida.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ah, o amor, tão cruel amor, que nunca existiu no meu coração e nem ao menos sei se irá existir!

Saio do quarto e vou até a sala de chá, mas no momento em que escuto as risadas de todas aquelas damas, retraio-me e dou meia volta. Não suporto tanta falsidade, e essas pessoas são repletas disso. Prefiro traçar meu caminho para a cozinha e comer algo escondido de minha mãe.

Mal chego ao meu destino, e o cheiro do bolo de cenoura que Mary faz penetra o meu olfato. Sei que o doce deve estar uma perdição, por isso, entro rapidamente, preparando meu melhor olhar de cachorrinho pidão. Mas nem preciso, pois assim que ela me vê, já separa uma fatia enorme de bolo para matar a minha vontade.

Minha vida seria tão mais fácil se eu fosse filha de Mary. Ao menos eu poderia conhecer o amor que eu tanto sonhava quando mais nova. Só que no meu caso, meu pai é quem escolhe quem devo amar, e ele não se importa nem um pouco com a felicidade dos que o rondam.

PERIGOSAS ACHERON



Chegou o grande dia; aquele que tanto temi, que torci muito para que não chegasse, mesmo que tenha sido eu a exigir esse encontro. Chegou o dia de rever o príncipe Richard.

Nem me recordo mais de sua fisionomia, lembro-me mais de seu irmão, príncipe Victor – o famoso mesquinho que nunca esqueci. Isso é muito confuso para mim, mas aprendi desde pequena que sempre deveríamos nos lembrar de nossas inimizades, para nunca termos uma surpresa indesejada.

Coloco um dos meus melhores vestidos para o dia – exigência de minha mãe –, um bem bonito, em sua cor lilás, com barras de renda e um laço que faz minha cintura parecer ainda mais fina do que já é, ao menos com esse não preciso usar meu espartilho. Demoro a me observar no espelho. Sei que já foi anunciado que a família real chegou, mas não me importo. Eles que me esperem. Não querem me casar contra a minha vontade? Então que ao

menos me deem um momento de paz.

Respiro fundo uma última vez, encarando meu reflexo no espelho. Os meus cabelos lisos e dourados caem sobre meus ombros, as sardas claras estão à mostra devido ao pouco de maquiagem em meu rosto. Deixo aquela imagem em minha mente enquanto saio do meu quarto, abrindo a porta vagarosamente. Caminho pelo corredor que leva até a escada; meu coração está a mil, sinto-o desmoronar a cada segundo. O desespero toma conta do meu ser, mas não deixo transparecer. Princesas são criadas para sempre parecerem belas e graciosas, nunca demonstrando fraqueza. Então, ergo minha cabeça e começo a descer os degraus.

A única frase da qual consigo me lembrar enquanto me encaminho para encontrar meu futuro marido é a que meu pai sempre me disse, depois de fazer o tal acordo:

“Querida Emília, você não tem escolha. É para a paz do reino.”

E quanto à minha paz? Nunca ninguém pensou nisso.

— Filha, veio nos fazer companhia — papai repreende, olhando-me com a expressão emburrada, assim que piso na sala de visitas. —

Lembra-se do príncipe Richard?!

— Como poderia me esquecer, papai? — digo de forma rude e volto meu olhar para o rapaz.

Não me lembro de ele ser tão bonito, mas é. No entanto, não sinto meu corpo reagir. Porque me disseram que quando encontramos o amor é isso que acontece, caso contrário, você nunca amará o seu prometido. Agora, se for para ser, o seu coração te avisará que ele é o homem da sua vida, pois quando existe amor, a conexão é imediata. Sorrio sem graça para o príncipe que rapidamente pega a minha mão, dando um leve beijinho, manifestando-se em seguida.

— Princesa Emília, é um prazer revê-la. — Ele faz uma pausa e continua. E é nesse momento que eu deveria ficar deslumbrada com o seu sorriso, mas não acontece. Não sinto nada. — Lembra-se do meu irmão, o príncipe Victor? — Olho para o seu lado e vejo seu irmão que tanto odeio.

Coloquei em minha mente, desde aquela época, quando Victor foi um imbecil comigo, que o odiaria pelo resto da vida. Só que ao vê-lo, percebo que o ódio passou, e a única coisa que restou foi somente um rancor, e esse era o sentimento mais difícil de se tirar de uma pessoa que estava disposta

PERIGOSAS NACIONAIS

a levar todas as suas emoções até o fim de sua vida.

— Prazer em revê-la, princesa — Victor diz, com seus olhos, que ainda não consigo saber se são verdes ou azuis, encarando os meus.

Não posso enganar-me; ele é tão lindo quanto o irmão. Mentira! É mil vezes mais bonito que Richard, o que me deixa um pouco desnorteada.

Quando as apresentações acabam, meu noivo pede permissão ao meu pai para passear comigo, pois ele diz não estar cansado e afirma querer aproveitar cada segundo no reino ao meu lado.

Mas invento uma dor de cabeça e volto para meu quarto. Pensei que estaria preparada para enfrentar meu futuro, mas simplesmente não consigo encarar aquela dupla deslumbrante de príncipes.

Eles só fazem lembrar que dali a dois meses eu serei uma mulher casada que nem ao menos sentiu o coração retumbar pelo seu prometido. Que merda!

E isso simplesmente faz com que a minha dor de cabeça fictícia se torne real. A cada fígada que sinto em meu cérebro, sei que é uma decepção a mais na vida que terei.

PERIGOSAS ACHERON



Só volto a aparecer em público na hora do jantar e quando vejo como os lugares estão postos à mesa sinto o asco voltar, Richard está sentado na cadeira ao lado da minha e quando me vê sorri, levanta-se e a afasta para mim.

Tento retribuir o gesto da melhor forma possível, mas não chega nem ao menos a ser uma expressão acolhedora; tenho quase certeza de que se estivesse em frente a um espelho, poderia ver aquele sorriso amarelo que tanto odeio retribuir as pessoas. Só que meu humor não está dos melhores para ser gentil com um estranho.

Suspiro profundamente e começo a comer em silêncio, Richard e meu pai conversam felizes à mesa, enquanto minha mãe, em a toda sua elegância, está calada como eu. Victor também não está muito falante, o que não é típico dos homens que costumo ver por aqui. Quando penso em

direcionar o olhar para ele, a porta pesada de madeira da sala de jantar é aberta em um rompante por dois guardas reais.

— Desculpe-nos, Vossa Majestade — Reginaldo, um dos guardas que mais gosto, diz ao se aproximar de meu pai. — Capturamos dois ladrões que estavam tentando saquear uma das vendas da cidade.

Meu pai parou seu garfo no caminho para a boca, fechando sua expressão amistosa, substituindo-a por aquela de ódio que ele só direcionava a pessoas que faziam maldades perante a sociedade que ele conduzia.

Amava meu pai, ele podia ser cruel, mas eu nutria um dos maiores sentimentos por ele. No entanto, nada me impedia de trocar ofensas com o rei, quando se tratava do bem das pessoas, principalmente quando era sobre empatia.

— O que estavam roubando? — Depois de depositar seu talher sobre a mesa, direciona o olhar para Reginaldo.

Percebo que Richard também se interessa pelo assunto. Na verdade, todos param suas refeições para prestarem atenção ao que o guarda dizia, afinal, um roubo era sempre motivo de muito

falatório e discussões. Quando era por maldade eu sempre entendia a sentença que meu pai aplicava, mas quando era por fome, na maioria das vezes, papai e eu brigávamos, o que me garantia alguns tapas.

— Alguns pães e frutas da venda de dona Breanna, senhor. — E eu já sabia que iria fazer uma cena na frente do meu pretendente, pois eu me oporia a qualquer sentença que meu pai aplicasse aos ladrões.

— Vermes! — Respiro fundo ao ouvir tal palavra

Vejo por minha visão periférica que Victor encara-me, mas não direciono o olhar para ele. Quando papai se levanta e começa a caminhar com os guardas, Richard faz o mesmo, e eu, como a boa filha renegada, levanto-me cuspiendo fogo, disposta a enfrentar meu pai mais uma vez pelo povo do meu reino; pelo povo que estou sendo obrigada a casar para manter vivos.

— Emília, não ouse ir para onde você não foi chamada — mamãe, em toda sua boa calma, diz. Rainha Eloise nunca se exaltou, nunca mesmo, até quando o momento pedia uma reação mais efusiva.

Eu nem respondo, só saio em direção à sala dos tronos, que é onde acontecem os julgamentos. Ouço passos atrás de mim e sei que, além dos guardas, mamãe deve estar desesperada para que eu não me meta em mais nenhum problema.

Entro pelo corredor lateral que dá diretamente à sala. Papai está sentado ao centro, pronto para deferir maldades a quem será levado a ele. Richard se mantém em pé, por respeito. Ele nunca deverá se sentar em um trono, enquanto não for meu esposo.

— O que faz aqui Emília? — sou questionada assim que coloco meu nariz no salão.

— Tenho o direito de participar da sentença.

— Querida, esses ambientes não são para você — Richard se manifesta, aproximando-se de mim.

— Todos os ambientes são para mim. Este é o meu reino. — Assim que profiro a frase, percebo que mamãe e Victor chegaram ao salão. Não dou muita atenção para eles, pois estou encarando Richard, e em seus olhos vejo algo indecifrável, mas tenho certeza de que se ele já fosse meu marido provavelmente eu seria repreendida.

— Até você veio atormentar o julgamento, Eloise? — papai questiona mamãe, que responde prontamente.

— Só vim acompanhar Emília.

— Já que estão todos aqui, acomodem-se, pois quero voltar ao meu jantar — papai solta sua ordem. Richard afasta-se de mim, e eu me encaminho para o lugar ao lado de papai. Mamãe faz o mesmo.

Richard e Victor sentam-se nas cadeiras para convidados que ficam espalhadas pelo salão.

Assim que a porta central é aberta, os guardas trazem os ladrões, mas nada me prepara para o que eu vejo. Deixo um arquejo escapar por minha boca; um som dolorido que expressa todo meu ódio ao ver duas crianças, completamente machucadas, presas por correntes.

Levanto-me de minha cadeira assim que os guardas param de caminhar com eles, deixando-os nos lugares marcados.

— Emília, sente-se — papai ruge, mas eu não dou atenção para ele.

Aproximo-me das duas crianças, agachando-me na frente delas. São um casal e não passam de dez anos. Por sua semelhança, tenho

certeza de que são irmãos.

— Meu Deus, o que fizeram com vocês? — Quase deixo algumas lágrimas escorrerem por meu rosto ao ver aquela menina com a face toda machucada, e o garoto está ainda pior, mas me controlo, não devo demonstrar fraqueza. — Quem fez isso com essas crianças? — questiono o guarda que está ao meu lado; percebo ser Carlos.

— Princesa, eram ladrões, eles precisavam de uma lição — ele tem a cara de pau de falar isso para mim.

— Você tem filho, Carlos. Como ousa fazer isso com crianças? — Sem responder, ele se afasta de mim.

— Emília, volte para o seu lugar ou retire-se — meu pai joga outra ordem no ar.

Só que dessa vez eu acato, pois preciso ficar a favor destes inocentes. Olho uma última vez para eles, que estão mais amedrontados do que tudo e volto para o meu lugar.

— Conte-me tudo — papai novamente ordena, e os guardas começam a falar que eles roubaram comida e foram pegos no beco comendo. Afirmam também que deram a lição neles ali mesmo e que os trouxeram para a punição do rei.

Quando papai vai dar sua sentença, sem escutar às crianças, eu me manifesto.

— Por que vocês roubaram comida? — direciono-me às crianças. A menina, que parece ser mais corajosa que o garoto, toma a frente, curvando-se com dificuldade — tenho certeza de que é pela surra que levou — e responde, com sua voz infantil.

— A gente tava com fome, princesa. Nossa mãe morreu e deixou a gente sozinhos, moramos no beco onde nos pegaram. — Sinto meu queixo tremer, mas tento com todas as forças segurar minhas lágrimas.

— Isso não é da nossa conta, não cuidamos de órfãos. Levem os dois para o calabouço e os deixem sem comida até o amanhecer, onde seu destino será a forca — o Rei, que não ouse considerar como pai neste momento, dá sua ordem e antes que os guardas acatem sua vontade, eu me levanto e corro na direção das crianças, colocando-me na frente delas.

— São crianças! — grito. — Elas não têm para onde ir! Nós podemos ajudá-los. Não faça isso, seu monstro!

Não meço minhas palavras e sei que irei me

arrepender. O Rei se levanta e caminha em minha direção. Assim que vejo sua mão vir de encontro ao meu rosto, fecho meus olhos, mas o tapa nunca chega, o que me faz abri-los mais uma vez, e eu não poderia ficar ainda mais em choque.

Victor — o homem que eu achava ser um ser sem escrúpulos — está à minha frente, segurando o braço do *Rei*, encarando-o como se eles estivessem em um duelo. O príncipe direciona seu olhar rapidamente para mim, mostrando que é meu *melhor* aliado naquele momento. De repente, uma parte do sentimento negativo que nutro por ele se esvai.

— Desculpe-me, Vossa Majestade, mas a sua filha está certa. São crianças que merecem uma segunda chance — ele se manifesta, o que me deixa estupefata.

Nunca ninguém havia enfrentado meu pai desta forma. A única que sempre tem coragem de bater contra suas regras ridículas sou eu, mas, pelo visto, encontrei uma pessoa igualmente ousada.

— Aqui não existem segundas chances. No reino de Amitele, ou seguem o que digo, ou pagam pelos seus pecados.

— Mas são crianças que não têm muito o

que fazer.

— Não se meta, Victor, isso não é assunto nosso — Richard se faz presente, mas juro que se eu tivesse uma espada enfiaria no meio do seu corpo. Observo-o, considerando-o um traidor. Ele olha para mim e, ao ver minha expressão, volta a falar: — Desculpa, querida, mas o seu pai está certo. Se passarmos a mão na cabeça deles agora, mais para frente será pior.

A decepção toma meu peito, pois irei me casar com alguém que não tem compaixão.

— Podem levá-los. Não mudarei minha decisão por um capricho de Emília.

— Papai, por favor. — desespero-me por saber que as crianças irão morrer.

Mas mesmo assim ninguém me dá atenção, o único que olha para mim, parecendo sentir-se da mesma forma como eu, é quem nunca imaginei que ficaria ao meu lado.

— Sinto muito. — Ouço seu sussurro e assinto, sem acreditar no que meu pai acabou de fazer.

Os guardas levam as crianças, e eu fico transtornada. Saio em um rompante, escutando mamãe e papai me chamarem, mas eles sabem que

quando estou assim somente um lugar me serve: *o labirinto*.

Corro desesperada para ele e assim que estou em seu centro, deixo minhas pernas perderem as forças, permitindo que um choro sem fim inicie. Passam-se minutos e mesmo assim não quero voltar para o palácio.

Encolho meus joelhos e deixo minha cabeça encostar neles. Não sei quanto tempo se passa, mas sinto alguém tocar meu braço.

— Princesa? — Ouço me chamarem. Logo desperto e tento me situar. É quando as lembranças voltam com força total, e eu me encolho ainda mais, voltando a chorar. — Princesa, não chore. Achei uma solução e foi bem difícil te encontrar aqui, pois não me lembrava direito como chegar neste lugar que você parece amar.

Só depois disso encaro a pessoa que me despertou e vejo ser o príncipe Victor.

— O que faz aqui? — sussurro.

— Digamos que temos um mesmo objetivo: salvar crianças inocentes. — Estende sua mão em minha direção, dando um leve sorriso. — E talvez possamos nos tratar como duas pessoas maduras, pois acho que me enganei sobre você. No entanto,

agora não temos tempo, temos que agir rápido.

Olho para ele sem entender, mas aceito sua mão estendida. Assim que me levanto, questiono.

— Do quê você está falando? — ainda meio chorosa – sem importar-me de demonstrar fraqueza na frente de um estranho – indago ao príncipe.

— Um dos guardas reais parece nutrir um apreço maior que os outros por você; ele vai nos ajudar a tirar as crianças do calabouço, mas temos somente quinze minutos e quanto mais demoramos aqui, menos chances nos restarão.

Vejo uma luz surgir no fim do túnel. Sei muito bem que o guarda é Reginaldo, por isso, assinto o mais rápido que posso, pois daria minha vida para proteger aquelas crianças.

— Como posso saber que está mesmo falando a verdade? — pergunto.

— Não tenho como provar, mas você terá que acreditar em mim.

E mesmo não gostando tanto de Victor, confirmo e partimos para os calabouços. As paredes frias e úmidas deixam minha pele arrepiada, mas tento não me importar com isso, pois salvar as crianças é muito mais importante do que o frio que penetrava aquele ambiente. No

entanto, logo estremeço e sou obrigada a passar as mãos por meus braços para ver se os esquento ao menos um pouco.

Porém, Victor conseguiu me chocar ainda mais ao prontamente colocar seu casaco por cima dos meus braços. Encarei-o sem entender.

— Eu realmente não sei que monstro pensa que sou, mas saiba que não sou um idiota que deixaria uma mulher passando frio sem ceder o meu casaco.

Envergonhada, desvio meu olhar, e partimos para o lado mais obscuro do castelo. Assim que chegamos ao calabouço, vejo Reginaldo.

— Vossa Alteza, a senhorita demorou demais — ele diz, cabisbaixo.

— Desculpe-me. — Olho para a cela da qual ele está protegendo a passagem e vejo os dois pequenos encarando-me com as expressões melancólicas.

— Não tem que me pedir desculpas, princesa. — Reginaldo olha para a direção sul dos corredores, completando: — Vocês precisam ser rápidos. Levem-nos por aquele caminho; é o máximo que posso dizer. Você saberá para onde

essa passagem levará quando sair daqui, princesa.

Ele nem precisava me dizer mais nada, pois eu sabia exatamente onde dava aquele atalho. A cabana perto da margem do rio que a família real nunca visitava, pois, segundo papai, aquele lugar não deveria ser habitado pela nobreza. Além de ter um caminho muito perigoso, onde lobos rondavam o local. Papai nunca imaginaria que eu pegaria essa estrada para esconder as crianças, afinal, ele me proibira anos atrás de vir nesta direção.

Sorrio assim que a porta da cela é aberta e as crianças saem me abraçando.

— Vocês precisam ser rápidos, tudo bem?
— peço a eles.

Ambos assentem, e nós começamos a caminhar pelos corredores. Sinto o príncipe Victor atrás de mim, mas, neste momento, a única coisa que importa é levar os meninos para aquele lugar, onde sei que ficarão seguros, pois papai nunca desconfiaria que eu os levaria para lá.

Paro abruptamente, assim que saímos pelo lado sul do castelo, onde a segurança é menor.

— Precisamos levar alguns mantimentos para eles — sussurro ao príncipe que está ao meu lado, olhando por todas as direções para identificar

se algum guarda real está próximo.

— Pensei nisso. Esconda-se com eles no meio daqueles arbustos enquanto eu vou pegar algumas coisas na cozinha. Pode ser? — Ergo uma sobancelha ao encará-lo, estranhando sua atitude. Os homens nunca perguntavam, eles só exigiam. Pelo jeito, Victor era diferente da maioria.

— Claro.

Assim que me escondo com as crianças, ele parte. Começo a ficar apreensiva com sua demora, no entanto ele surge, depois de alguns minutos, com uma bolsa de pano pendurada no seu braço esquerdo.

Victor olha para todos os lados à minha procura, fazendo-me sorrir levemente quando percebo a preocupação passar por seu rosto. Só eu mesma para sorrir em um momento como esse.

Saio dos arbustos com os pequenos, e o alívio passa por suas feições. Sem dizer nada, indico o caminho que devemos seguir, passamos pelos limites dos muros do palácio e por uma abertura que poucas pessoas conheciam atravessamos na direção que devemos tomar e meia hora depois estamos na cabana. Acendo algumas velas e tiro um pouco da poeira dos móveis que

estão há vários anos sem serem usados.

Eles tomam banho, e Victor mostra um kit de primeiros socorros que conseguiu, com o qual ele me ajuda a cuidar de seus ferimentos.

Olho para aquelas duas criaturinhas – que agora sei seus nomes, Elizabeth e Harry - sentindo a dor da partida apertar meu peito. Mas não tenho escolha; se eu não os deixar logo, serão achados.

— Eu tenho que ir. Prometo que volto para visitá-los o mais breve possível e trazer mantimentos. Tudo bem?

— Sim, princesa. — Eles me abraçam e logo se afastam.

Depois da despedida, saio da cabana com Victor me acompanhando e voltamos em silêncio pelo caminho que nos leva ao palácio.

— Obrigada — digo antes que cheguemos ao nosso destino.

— Por nada, eu não poderia ficar de braços cruzados vendo tamanha injustiça.

Paro de caminhar e o encaro.

— Eu imaginava que você fosse diferente. Jurei, desde os meus treze anos, que você era o príncipe mais mesquinho que eu havia conhecido e desde aquela época venho nutrindo um sentimento

ruim por você — resolvo abrir meu coração para a pessoa mais improvável possível.

— Eu era um idiota de marca maior, mas com os acontecimentos da vida, nós mudamos e amadurecemos. Tenho vinte e seis anos agora; se continuasse sendo aquele imbecil, seria igual ao seu prometido. Um homem que só pensa em poder e não sente nada de empatia pelo próximo. Também seria igual ao meu pai e ao seu.

Abaixo minha cabeça, mas logo volto a encarar seus olhos que ainda admiro de uma forma surpreendente.

— Seu irmão é assim tão repugnante?

Victor direciona seu olhar para longe do meu, mas suas palavras irão sempre prevalecer na minha mente.

— Meu irmão é o ser mais repugnante que conheço. — Depois de um suspiro, ele continua: — Precisamos ir; não podemos ser vistos juntos.

Só que após eu assentir e tentar dar prosseguimento à nossa caminhada, príncipe Victor puxa meu braço, virando-me para ele que encara meus olhos, quase como se quisesse ler minha alma. Fito aqueles olhos que me fascinam, enquanto ele começa a dizer:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Emília, depois que vocês estiverem casados. — Deu uma pausa para respirar ainda mais fundo. — Se Richard fizer qualquer coisa com você, sinta-se no direito de se abrir comigo, porque eu irei interferir. Nunca deixaria nada de ruim te acontecer, está entendendo?

— Mas o seu irmão não seria capaz de fazer algo contra mim. Seria? — meio assustada, sussurro.

— Estou falando hipoteticamente. Tudo bem?!

— Se hipoteticamente ele fizer algo, eu falarei para você.

— Obrigado!

Olhando para os lados, digo:

— Vamos sair daqui, essa estrada é muito perigosa, por isso, trouxe as crianças para cá, pois ninguém imaginaria que eu pegaria este caminho para salvar dois plebeus.

E assim a nossa noite heroica se dá por encerrada. Chegamos ao palácio e entramos por entradas diferentes. Vou direto para meu quarto, onde, logo depois, ouço batidas na porta. Mamãe entra sem permissão.

— Querida, estava preocupada — ela diz,

PERIGOSAS ACHERON

aproximando-se de mim.

— Estou bem, mamãe. O labirinto me acalmou — minto sem um pinga de culpa.

— Descanse. Amanhã é um novo dia. — Seu sorriso amável faz meus olhos se encherem de lágrimas novamente, mas eu não choro. — Nunca mais desafie seu pai assim, pois não é todo dia que temos um príncipe para defendê-la.

Assinto, fingindo concordar com sua fala, assim que ela sai do meu quarto, paro para refletir.

Eu nunca abaixaria minha cabeça para ninguém. E é com esse pensamento que volto à conversa que tive com Victor minutos antes. O que Richard poderia fazer comigo? Sento-me na cama — revestida por couro animal, com sua maciez feita de folhas secas e penas de aves, posta sob a treliça de cordas fixas em uma estrutura retangular de madeira -, ainda tentando entender o mistério em seu aviso. Mesmo pensando muito, não chego a nenhuma conclusão, mas de uma coisa eu tenho certeza: não abaixaria minha cabeça, nem mesmo para o homem que seria meu marido.



Uma semana se passa, e eu tento ao máximo me mostrar alegre na presença de Richard. Nunca vou esquecer o que Victor me disse. Mas, ao mesmo tempo, seu irmão se prova um pouco ao contrário do que ele me disse, pois não demonstra ser tão imbecil como foi citado.

Estou literalmente com a mente em um turbilhão de emoções. Sei que ele não ficou ao lado das crianças, mas não pode ser tão ruim assim. Pelo menos espero que não.

Os passeios pelo jardim em sua companhia são aconchegantes, mas não parecemos em nada com um casal prestes a se casar. Acho que quando anunciaram que iríamos ser marido e esposa, deveríamos ter tido mais contato, pelo menos uma vez ao ano e não oito anos depois, por um pedido meu.

— Então, o que você mais gosta de fazer, princesa? — Richard corta meus pensamentos com seu questionamento, mas me alegra ao me entregar uma rosa que acabou de tirar de uma das roseiras do jardim.

— Bom — faço uma pausa para sentir o cheiro da rosa e logo continuo —, não tenho muitas

opções, mas passear pelo jardim e pelo labirinto é o que mais amo aqui no castelo.

— Não tem medo de se perder pelo labirinto? — ele diz, todo simpático.

— Claro que não, eu cresci fazendo isso. Posso estar de olhos fechados que saberei sair dele.

Richard abre um lindo sorriso, que não me afeta em nada, e continua.

— Acho que você é mais encantadora do que pensei.

— E por que não seria? Pensou que eu era dessas princesas que não podem ver uma borboleta que pensam ser um ogro?

A gargalhada que ele solta me faz rir também. Gosto de causar alegria nas pessoas. Talvez seu irmão esteja enganado sobre o príncipe Richard.

— Digamos que sim. Eu pensei que você seria uma princesa muito mimada e nojenta — ele afirma, ainda rindo.

— Nossa, que bom saber disso. Mimada? Logo eu que odeio isso. Agora... nojenta foi pesado.

— Desculpe-me. — Paramos embaixo de uma árvore, e seus dedos fazem um carinho leve

PERIGOSAS NACIONAIS

em minha bochecha. Logo nossos olhares se encontram. O seu olho é de um azul profundo, diferente do de seu irmão. — Sei que pode ser um desrespeito, mas preciso provar seus lábios, Emília. Não posso me casar com você e não conhecer nem ao menos a sua boca antes disso.

Confesso que desde sua chegada essa é a primeira vez que sinto meu coração disparar por Richard. Sei muito bem que se permitir que seus lábios se choquem contra os meus, ninguém nos verá; os guardas estão distantes, e as roseiras altas do jardim não permitem que nada seja visto. Por isso, tomo a decisão que pode mudar tudo, mas que é necessária para o momento.

Assinto.

E, no mesmo segundo, Richard cola seus lábios aos meus, sua mão aperta a minha cintura, enquanto as minhas vão para seu pescoço. Deixo a rosa cair no chão, mas ela não me importa no momento.

O beijo é lento e forte ao mesmo tempo. Nunca tinha sido beijada por ninguém e não esperava sentir asco de algo que era para ser bom. Tento afastar-me, mas ele não permite, forçando ainda mais a sua boca na minha.

PERIGOSAS ACHERON

Minhas mãos soltam o seu pescoço, e eu o empurro, no entanto, isso o faz se prender ainda mais em mim. Parto para os socos em seu peito, e ele me larga.

— Não sei o motivo de negar um beijo meu, princesa. — A fúria em seu olhar me dá medo.

— Você me assustou.

— Esta é a mais inocente das coisas que farei com você quando nos casarmos, então acho melhor parar com sua negação, querida. — Dando um beijo em minha bochecha, ele sai, deixando-me atônita.

Quando me vejo sozinha, limpo meus lábios com minhas mãos, sinto nojo. Vou me casar com uma pessoa cujo beijo não me provoca uma única emoção, ou melhor, provoca os piores sentimentos. E, neste exato momento, conseguiu me passar ainda mais medo sobre o meu futuro. Acho que me enganei em meu julgamento. Talvez Victor esteja certo.

Droga, mil vezes droga.

Eu só queria ser feliz, mas estou fadada à infelicidade. Condenada a ver todos os casais se amando sem nem ao menos gostar do beijo do meu futuro marido, alguém que se mostra em alguns

momentos ser um homem desprezível. Que vida miserável!



Volto para o castelo lentamente, e entro sorrateira para que ninguém me encontre, mas dou o grande azar de esbarrar em Victor.

— Olá, princesa. Tudo bem? — pergunta com sua voz arisca.

Desde o dia em que salvamos as crianças — o que provocou uma grande confusão no castelo, pois papai ainda não desistiu de achar os dois fujões, mas sei que ele nunca procuraria no lugar mais óbvio —, não nos falamos mais. Sempre nos olhamos cúmplices, no entanto, nenhuma palavra foi dita.

— Tudo ótimo, príncipe.

— Não parece, você está com os olhos vermelhos. Estava chorando. Alguém a machucou? — questiona rapidamente, parecendo preocupado.

Encaro-o. Como ele pode perceber isso se nem ao menos direcionei meus olhos para os dele?!

— Eu não estava chorando, é só que o vento lá fora está forte, fez um vestígio de poeira ir parar em meus olhos.

— Você acha que me engana, Emília? — levanta sua sobrancelha ao questionar.

— Pelo visto, não. — Sorrio fracamente para ele, continuando: — Mas não quero falar sobre isso. Com licença.

Digo e saio andando sem olhar para trás. Mas, pelo visto, príncipe Victor é uma pessoa bem insistente.

Assim que chego à porta do meu quarto, ele segura meu braço levemente, fazendo com que eu volte em sua direção.

— Se quiser posso ser seu confidente. Não contaria nada a ninguém.

— Não é nada. Sou somente uma princesa que tem vontades próprias, mas que não pode realizar nenhuma delas.

— E quais seriam essas vontades? — ele questiona, ainda segurando meu braço.

— Não me casar? — retribuo com outra pergunta.

— Bom, nisso eu não posso te ajudar. — Fazendo um biquinho engraçado, de como se

estivesse pensando em algo, ele se manifesta. — Mas tem algo que eu posso fazer para te alegrar. Vem comigo?

O sorriso que ele direciona a mim faz com que eu esqueça o acontecimento de minutos atrás e sinta ansiedade para saber ao que ele está me convidando. Assim que assinto saímos em disparada pela escada. Passamos pela cozinha e pegamos um pouco de comida e, neste momento, sei que iremos visitar os pequenos.

— Sabe, eu jurava que você era como todas as princesas que conheço, interesseiras que só pensam em si mesmas. Por isso, te tratei mal no passado — Victor diz enquanto estamos caminhando para a cabana.

— Mas eu pensava coisas ruins sobre você também, como já te disse.

— Ainda bem que estávamos enganados. A vida começou até ter um pouco de sentido depois de saber como você é realmente.

Olho para aquele príncipe, que tem os cabelos negros como uma noite sem lua, bem mais alto que eu, beirando 1,90, com um corpo que por sua roupa formal dá para perceber que é maravilhoso, aquela boca em formato coração, o

nariz alinhado perfeitamente com sua expressão de desdém e o seu queixo quadrado.

Quem diria que príncipe Victor seria tão legal sendo tão lindo? Príncipes bonitos sempre foram os que mais detestei, pois eram os que mais humilhavam os empregados e todo o resto da corte.

— Ao menos uma coisa boa nessa união dos nossos reinos. — Desvio meus olhos durante minha observação e volto à atenção para estrada de pedras.

— Duas coisas — ressalta.

— Qual a segunda, mesmo?

— Não entraremos mais em guerra.

Era verdade, a guerra matava muitas pessoas dos nossos reinos, a união deles seria para um bem maior. Por isso, esse acordo de paz era tão importante. Eu nem poderia questioná-lo, pois se o fizesse e não me casasse as guerras voltariam.

— É uma pena. — Franzo meu cenho sem entender ao quê ele se refere.

— É uma pena, o quê? — questiono.

— Você estar prometida ao meu irmão. — Tudo o que não senti no beijo com Richard veio com força total com as simples palavras de Victor. — Queria encontrar uma princesa tão verdadeira

PERIGOSAS NACIONAIS

como você para ser *minha*. — Ele respira e volta a falar: — Mas não *minha* por posse, só para eu sentir orgulho de ter alguém como você ao meu lado. Uma princesa que posso ver que tem princípios e que não quer se casar porque está interessada em ainda mais riquezas ao se juntar com o príncipe de outro reino, e, sim, por ter sido obrigada por seu pai.

Não consigo dizer nada, só sinto meu coração disparado em meu peito e a garganta se fechar impedindo as palavras de saírem. Parece que pela primeira vez em anos, alguém entende o que estou sentindo sendo forçada a me casar contra minha vontade com alguém que não amo.

— Infelizmente mesmo — comento sem dar muita ênfase às minhas palavras, pois não quero sentir o que estou sentindo.

Minha vida já está confusa demais para eu ter mais problemas ao começar nutrir sentimentos por quem não devo.

Chegamos à cabana e assim que abro a porta as crianças vêm correndo em nossa direção.

— Como vocês estão, meus amores?

— Bem, a gente saiu algumas vezes, mas ficamos quietinhos para não nos acharmos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso mesmo.

Passamos o resto da tarde com os pequenos, e eles me divertem tanto que esqueço momentaneamente o meu momento de asco da parte da manhã. Quando o sol já está se pondo, voltamos para o castelo e antes de me separar de Victor, digo:

— Obrigada por hoje. — Fico na ponta dos meus pés e beijo sua bochecha. — Você fez um ótimo trabalho para que eu esquecesse a minha manhã ruim.

— Por nada. Qualquer coisa pode me procurar. — Segura meu queixo como anos atrás e logo depois de encarar meus olhos, vira-se e vai embora.

Entrando em meu quarto, paro para pensar no que estava acontecendo e o desejo de que meu noivo fosse outro toma conta do meu coração. Não é amor, mas eu poderia muito bem vir a amar Victor.

A sua gentileza, empatia e tudo o mais, é o que eu procuro em alguém que será meu marido. Pena que parece que fiquei com a carne podre da família.

PERIGOSAS ACHERON



Meu último mês se resume a simplesmente passeios com o príncipe Richard por todo o reino. Por um milagre inexplicável, meu pai deixou que eu conhecesse as redondezas sem que ele estivesse ao meu encalce. Foi um dos acontecimentos maravilhosos da minha vida, pois nunca pude andar sozinha sem a sua supervisão e foi simplesmente magnífico.

Mesmo que eu sentisse receio de passar mais algum tempo com Richard, ele não tentou nada mais comigo, e isso me deixou mais tranquila.

No entanto, só me sentia inteiramente segura quando Victor nos acompanhava, pois passei a nutrir uma confiança incompreensível por ele. Percebia que havia um atrito entre ele e Richard, mas não quis me aprofundar no assunto, pois já tinha problemas suficientes para resolver.

Victor e eu demos mais algumas escapadas para visitarmos as crianças, o que nos aproximou sobremaneira. Algumas confidências de sua parte

me encantavam e eu até que compartilhei mais algumas com ele.

Neste momento estamos voltando de mais um passeio furtivo, quando ouvimos uma marcha que já conhecemos. Os guardas reais.

Ele me puxa rapidamente para me esconder sobre a mata alta que se faz presente pelo caminho de pedra. Abaixamo-nos e ficamos observando para onde os guardas estão indo. Quando vejo que eles tomaram um caminho totalmente diferente da cabana, respiro com tranquilidade.

— Ufa! — suspiro.

— Ainda bem que foram para outro caminho, pensei que tinham descoberto o esconderijo dos meninos.

— Nem me fala.

Ainda agachados detrás dos arbustos, olhei para Victor, e ele também estava olhando para mim. Foi nesse momento que senti a atmosfera mudar. Que senti que tudo entrou em uma velocidade diferente.

Estávamos próximos de mais, tão próximos que nossos braços estavam se tocando, e não sei quem tomou a iniciativa. Mas sei que a mão de Victor veio lentamente para o meu rosto. Seus

olhos, que não desgrudavam dos meus, passaram por meus lábios, e a ansiedade tomou conta do meu corpo.

As borboletas que todos falavam estão, sim, no meu estômago, e eu tenho certeza de que se minha respiração não estivesse arfante eu as escutaria baterem asas dentro de mim.

A centímetros dos meus lábios, Victor questiona.

— Posso?

E é aí que sei que estou perdida, pois eu assinto, sabendo que é o certo a fazer neste momento.

Os seus lábios tocam os meus; meus olhos se fecham, e tudo pareceu se encaixar perfeitamente. Ajoelhei-me para firmar meu corpo sem desgrudar nossos lábios, contornei seu pescoço com meus braços e entreguei-me ao beijo que sempre sonhei.

Um beijo ardente, um pelo qual não sinto asco. A única vontade que reverbera por meu corpo é a sensação de querer mais, muito mais, mil vezes mais.

— Eu não podia ter feito isso — Victor diz ao se afastar de mim.

O meu coração está disparado, e ao ver sua expressão de quero mais eu não resisto e encosto nossos lábios novamente. Ele não resiste e prender minha cintura com seus braços, aprofundando o nosso beijo.

— Podia, sim — digo, respondendo à sua pergunta e afastando os nossos lábios.

O clima fica estranho depois do beijo, mas nem me importo, pois, no fundo, adoro tudo o que aconteceu. Victor se levanta, observando se não estava vindo nenhum guarda. Logo me ajuda a me colocar de pé e voltamos para o palácio em silêncio.

Não há despedidas; ele simplesmente caminha, me abandonando. Só que não me arrependo do que aconteceu, pois senti tudo o que desejei sentir por um beijo e ao menos neste momento é o que importa. Uma vez na vida eu pude escolher algo por mim mesma.

O jantar chega, e eu estou sentada ao lado do meu *querido* noivo. Papai come feliz enquanto fala de algumas burocracias da monarquia com Richard, e eu só consigo prestar atenção vagamente no que dizem, pois meus olhos, na maior parte de tempo, se perdem nos olhos de Victor.

— Emília, já estamos procurando as crianças fugitivas há quase um mês. Tem certeza de que não sabe do paradeiro delas? — Papai encara-me como se soubesse que foi eu que as escondi.

— Como poderia saber, Vossa Majestade?!
— Levanto uma sobrancelha. — Eu estava no labirinto.

— Irei acreditar em sua palavra. — É a única coisa que ele pronuncia.

— Tenho certeza de que se Emília soubesse, ela contaria, Majestade — Victor diz sem nem ao menos ser chamado na conversa.

— Irmão, não se meta — Richard esbraveja.

Abaixo minha cabeça e tento não expressar o quanto fico chateada com a forma como Richard fala com Victor. Droga de sentimentos que estão me fazendo perder o controle.

Assim que papai deposita seu talher sobre a mesa, levanto-me em um rompante. Vou em direção ao meu quarto, mas sou impedida por um aperto forte.

— Você por acaso está com raiva de mim, princesa? — Richard questiona ao me virar bruscamente em sua direção.

— Não, príncipe. Só estou cansada. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Tento retirar meu braço de suas mãos, mas ele se aproxima do meu ouvido e sussurra:

— Se eu vir você com meu irmão mais uma vez, juro por tudo que é mais sagrado, que as consequências para ele serão piores do que você pode imaginar.

— Não sei do que está falando — finjo-me de desentendida, sentindo o coração disparado.

— Então não ouse sair com ele para não sei onde novamente. Estamos entendidos?

— Sim — respondo, sentindo-o apertar ainda mais o meu braço.

— Que bom, meu amor. — Seu sorriso vitorioso faz meu coração sangrar.

Dá um leve beijo em meus lábios, e a vontade de vomitar sobe para minha garganta. Ele se afasta, e eu caminho para o meu quarto, vislumbrando todo o futuro de merda que terei.



PERIGOSAS ACHERON

E mais uma semana se passa. No dia seguinte, os príncipes irão embora e quando voltarem será para o nosso casamento, o que me desanima ainda mais.

Já é noite, e eu estou exausta, pois saímos para passear muito cedo. Fizemos piquenique no lago do reino e passamos todo o dia fora. Por isso, nem para jantar apareci, mas mesmo com a exaustão não consigo dormir.

Rolo várias vezes na cama, e a insônia não deixa o sono vir. Não sei o real motivo para ela ter tomado conta da minha mente logo hoje, mas quando ela vem, nada a leva embora. Já fiquei dias sem dormir.

Levanto-me da cama e visto um casaco por cima da camisola de seda que estou usando. Saio lentamente do meu quarto para não acordar ninguém e desço as escadas em silêncio.

Alguns dos guardas perguntam se preciso de ajuda, quando saio para o jardim, mas recuso e digo que estou bem. Eles já são acostumados com esses meus passeios noturnos. Sempre que fico com insônia apareço no jardim, algo que me acalma e logo faz meu sono chegar.

Caminho por todo o jardim, respirando o aroma

puro que as flores me proporcionam. Estou caminhando há alguns minutos quando escuto passos atrás de mim. Olho para trás, assustada, encontrando Victor.

— O que você faz aqui, príncipe? — pergunto, desesperada.

— Eu poderia te fazer a mesma pergunta, princesa. — Sorrio para ele com o coração disparado, e ele retribui com um lindo sorriso, encantador. — Está sem sono?

— Sim — respondo rapidamente.

— Quer caminhar pelo jardim?

— Já estou fazendo isso. — Ele gargalha e me oferece seu braço. Estávamos nos evitando, ou melhor, eu o estava evitando-o, afinal, fiquei com medo daquele monstro do meu noivo. Mas não acho que correremos perigo a esta hora. Por isso aceito de bom grado unir nossos braços.

Andamos pelas roseiras, e ele, assim como Richard, arranca uma flor e me entrega, deixando-me fascinada com o pequeno gesto. Nós não conversamos muito, fora os olhares que direcionamos um ao outro; olhares que dizem tudo e ao mesmo tempo não dizem nada.

Mas logo o silêncio começa a ficar

constrangedor, e é quando começamos a falar coisas sem sentindo, que me fazem gargalhar. Victor é anos luz melhor que seu irmão, e isso não tem nem o que discutir. Ele não me passa medo, só me faz rir. Uma pessoa incrível!

— Acho que descobri para onde posso levar as crianças — sussurro.

— Sério? Para onde? — Victor pergunta.

— Mary tem uma tia na cidade que vive sozinha e adora companhia. — Respiro enquanto o vento refrescante da noite toca a pele do meu rosto. — E ela meio que jogou isso no ar hoje quando fui à cozinha cumprimentá-la.

— Quer dizer então que ela sabe? — Vejo Victor franzir seu cenho, e ele logo volta a se manifestar. — Não é perigoso confiar nesta criada?

— Não, nem um pouco. Tenho Mary como uma mãe, na verdade, ela cuida melhor de mim do que meus próprios pais.

— Já que você confia nela, eu também darei meu voto de confiança. — Victor sorri ao falar.

— Amanhã, quando todos estiverem ocupados com a sua partida e a do seu irmão, ela irá à cabana, para levá-los a cidade. Vai dar tudo certo, pois Mary atravessará o rio com eles,

ninguém perceberá.

— Espero que dê tudo certo, Vossa Alteza.

— Vai dar, príncipe. — Retribuo seu sorriso.

— Sabe, princesa, te acho encantadora. — Minhas bochechas esquentam, mas consigo deixar as palavras escaparem desta vez.

— Obrigada, eu também te acho, mesmo que já tenha te odiado — digo, por fim.

— Pois é, não julgue um livro pela capa — diz, mordendo o lábio com seus dentes brancos como neve.

— Você também me julgou, sem me conhecer.

— E você, como sempre, a dona da razão.

Quando estamos entrando dentro do labirinto do jardim, tropeço em uma trepadeira, o que me leva ao chão. O príncipe se desequilibra, devido ao seu braço estar junto ao meu, e cai sobre mim.

Nossos corpos colidem, e toda a atmosfera muda. Mais uma vez, ele me encara e logo desvia os olhos para minha boca. Sinto minha garganta se fechar, e a dor leve que eu estava sentindo pelo tombo desaparece. Ele tem o poder de mudar tudo

ao nosso redor por simplesmente colar seu olhar ao meu.

Mas nada me preparou para o que vinha a seguir.

— Mesmo sendo ameaçado por meu irmão, eu correrei o risco e te beijarei de novo. — Victor olha para meus lábios, e eu assinto, sabendo que preciso disso tanto quanto ele.

Um beijo ardente começa, e eu correspondo sem pensar. Isso, sim, era o que eu queria para a minha vida toda. O coração dispara, a pele arrepia, a mente fica um turbilhão de emoções, borboletas parecem sobrevoar o estômago. É perfeito! É sublime, e é para ficar na memória para sempre.

Nossos lábios parecem estar em uma batalha para ver quem ganha. Uma batalha duradoura de língua sob língua, de mordidas nos lábios um do outro, uma batalha totalmente maravilhosa. Depois de algum tempo ele se afasta, mas eu não o deixo ir muito longe. Como da primeira vez, volto a beijá-lo, eu preciso sentir mais desse momento mágico, eu tenho certeza que nunca mais beijarei ninguém fora Richard, então, não posso perder um momento como esse.

— Podemos ser vistos aqui — digo,

interrompendo o beijo abruptamente.

— Eu sei, por isso tentei parar da primeira vez. — Ele pausa por um momento, sorrindo com um pouco de medo nos olhos, e logo diz: — Vamos entrar no labirinto, lá ninguém nos verá.

Começo a assentir, mas sei que não posso, por isso, respondo:

— É errado fazermos isso.

— Eu sei. Mais do que ninguém, eu sei. — Ele encosta sua testa na minha e continua: — Mas não podemos esconder o que sentimos um pelo outro. vejo como você me olha, Emília, e eu sinto um desejo enorme por você. — Ele suspira. — Estou descontrolado, não sei como esconder meus sentimentos, e nem sei como surgiram tão rápido, mas eles estão dentro do meu coração. — Encaro os olhos de Victor e não posso negar que quero isso, tanto quanto ele. E é por esse motivo que assinto novamente. Assim que nos levantamos, caminhamos para dentro do labirinto, longe o bastante da visão dos guardas do castelo.

Quando chegamos ao centro, Victor encosta-me na parede de trepadeiras e volta a me beijar, passando a mão por meu corpo. Ele aperta minha cintura, o que me faz vibrar com seu entusiasmo, e dessa vez

PERIGOSAS NACIONAIS

não sinto dor, só um desejo que deixa extremamente fogosa. Eu quero muito mais!

Nosso beijo continua, e logo solto um gemido contra seus lábios; uma prova do prazer que estou sentindo. Todas as sensações são novas para mim, e quando Victor percebe que estou me entregando sem barreiras para ele, parece que isso o faz ter mais liberdade, pois em questão de segundos ele arranca meu casaco, deixando-me apenas com minha camisola que se torna meio transparente, devido às luminárias que refletem a luz no labirinto.

Sinto meu rosto corar, nunca nenhum homem havia me visto somente de camisola. Victor poderia ser morto por estar observando uma princesa, que nem ao menos fora prometida a ele, com suas vestes de baixo. No entanto, logo esqueço a vergonha e os perigos que estamos cometendo, pois beijar Victor poderia ser errado, mas era um erro que eu queria cometer.

Sua mão sobe uma das barras da minha camisola, fazendo com que seus dedos toquem minha coxa por cima da minha ceroula. Arrepios começam a passar pelo meu corpo, fazendo com que eu estremeça.

PERIGOSAS ACHERON

Os dedos de Victor chegam às partes que nunca imaginei serem tão prazerosas, e eu realmente sinto que estou perdendo o controle, mas é a melhor perda de toda a minha vida.

Seus dedos tocam minha intimidade por cima do tecido, fazendo com que outro gemido reverbere por toda a parte do labirinto onde estamos. Os movimentos dos seus dedos fazem com que vontades que nunca tive nasçam dentro de mim.

Começo a enfiar a mão por baixo de sua camisa e sinto os músculos de seu abdômen, enquanto seus dedos trabalham no meio das minhas pernas. Meu corpo se aquece em lugares que nunca imaginei serem possíveis. Quando Victor avança sua boca em meu pescoço, descendo rumo aos meus seios, deixo um novo gemido escapar. Ele para abruptamente e me encara.

— Desculpe, estou passando dos limites. — Vejo quando ele fecha seus olhos, e o arrependimento está estampado em sua face.

— Desculpar pelo quê? — questiono sem saber o que aconteceu.

— Por tentar abusar da liberdade que você me deu.

— Mas, Victor, eu dei a liberdade, porque desejo que me toque. Não quero me casar com um homem por quem não sinto nem ao menos desejo. Infelizmente, por você, eu sinto tudo.

Ele me olha, nega com a cabeça, mas volta a se aproximar, sussurrando em meu ouvido.

— Se eu começar não conseguirei parar, entende? Eu irei deflorar você de forma desrespeitosa. — Abro o meu melhor sorriso diabólico e respondo.

— Estou contando que faça isso. Ao menos uma vez na vida poderei cometer um pecado que desejo. Nunca fui uma princesa normal e quero mais. Por favor? — quase suplico para que ele me torne sua uma única vez.

Nossos olhares se encontram. Volto a sorrir, mas agora mais contida, e Victor entende que lhe dei permissão, pois volta a me beijar. No entanto, agora já agiliza todo o processo arrancando minha camisola e o tecido que tampa minha intimidade deixando-me nua.

Nossos lábios se separam mais uma vez, e ele se afasta para me encarar. Sei que estou um pouco envergonhada, mas o olhar de admiração direcionado a mim faz com que eu tenha a certeza

de que ele gosta de contemplar o meu corpo.

Sorrio sem graça, e ele retribui de forma magnífica, segurando firme minha cintura e abaixando sua boca até sugar meu mamilo. A sensação é maravilhosa.

Solto mais alguns gemidos, mas não importo; se alguém nos pegar, eu só quero mais de onde vieram esses.

Sua mão desce novamente para entre minhas pernas, e agora avança mais do que da outra vez; um dedo invade minha intimidade, o que me faz contrair, mas logo me acostumo com o que está fazendo, sentindo somente um leve incômodo.

— Vamos com calma para você não se machucar. Tudo bem? — Victor sussurra ao perceber que sou virgem.

— Sim, só não pare — murmuro.

— Não vou parar.

Sorri de lado para mim, afasta-se do meu corpo e logo começa a se despir à minha frente. E eu não estava preparada para ver aquilo tudo, bem ali, diante dos meus olhos. Aquele corpo, aquele homem. *Uau!*

Estende sua camisa no chão e faz um gesto para que eu me aproxime, perdendo a vergonha.

Aproximo-me e estendo minha mão, segurando a dele.

— Vai ser o nosso segredo — ele sussurra ao me ajudar a deitar sobre sua camisa. Meio arfante por estar antecipando o acontecimento, respondo:

— O nosso grande segredo. — E seria mesmo, pois de amenidades que eu escondia quando era mais nova, o labirinto guardará o maior segredo da minha vida.

Levantando minhas pernas e, deixando-me exposta para ele, Victor desce com seus lábios, beijando minha barriga até chegar ao ponto que estava buscando.

Sinto um prazer tão grande se formar em meu estômago, e quanto mais o príncipe me chupa, mais sinto o prazer aumentar. A sensação é indescritível, mágica, prazerosa, é tudo o que eu esperava e nem sabia.

Soltando mais um gemido que teve o nome de Victor sussurrado logo em seguida, sinto-me explodir em mil pedaços por um sentimento novo, inebriante, maravilhosamente delicioso, que me deixa relaxada e ao mesmo tempo com mais desejo.

Quando ele aproxima seu rosto do meu,

recebo mais um beijo.

— Agora vou me colocar dentro de você. Lentamente para evitar que sinta muita dor. Tudo bem? — questiona, fazendo com que seu membro encoste entre minhas pernas.

— Estou com medo — revelo, sem conseguir manter o temor somente para mim.

— Não precisa ter medo, mas se quiser eu posso parar...

— Não, eu não quero que pare. Por favor, eu anseio por você, Victor. — interrompo-o, mostrando o quanto estou necessitada por seu corpo.

— E eu a desejo demais, Emília. Tanto que estou com medo de perder o controle assim que me sentir dentro de você. — Seus lábios tomam os meus mais uma vez; sinto-o se encaixar entre minhas pernas e logo me penetra com seu membro.

Sinto a fígada se aprofundar, e é impossível conter o gemido de dor, mas esta não se compara à necessidade de mais e mais.

Nossos lábios se afastam, e seus olhos focam nos meus. Ele começa lentamente seus movimentos, fazendo com que depois de um tempo a dor passe e eu não sinta nada além de um anseio

por mais desse homem maravilhoso.

Nós nos amamos por longos minutos e foi uma das melhores experiências que tive. Espalmo minha mão em suas costas, arranhando sua pele com minhas unhas, quando sinto que estou prestes a liberar mais uma vez aquela vontade incontrolável e inevitável. Gozo e tenho que conter meus gemidos com uma mão para que ninguém além de mim e Victor os escutem. Ele chega ao clímax logo depois de mim. Vejo sua expressão se transformar em algo que nunca iria esquecer, o seu cenho franzido e seus lábios levemente abertos fazem com que eu abra um sorriso ao senti-lo perder suas forças e se liberar dentro de mim.

Esgotado, ele caí ao meu lado, e mais que depressa deito minha cabeça sobre seu peito. Minutos se passaram, ou horas, não sei dizer exatamente, até que Victor se manifestou.

— Por que está chorando? Eu te machuquei?

Até ele falar eu não havia percebido as lágrimas escaparem por meus olhos.

— Deixei que meus pensamentos fossem longe. Acho que por isso estou chorando, não por ter me machucado. — Levanto minha cabeça para

encará-lo.

— Eu deveria ter tido mais cuidado com você, te machuquei, não foi? — Colocando o dedo indicador sob a sua boca, falo novamente, deixando mais algumas lágrimas caírem:

— Não estou chorando por causa da dor, mas, sim, por saber que tenho mais conexão com você do que com quem foi me prometido como marido.

— Eu queria muito mudar essa situação. — Suspirando, completa: — Sou um traidor, deleitei-me de você sendo que é prometida a ele. Mas... inferno! Ele não te merece.

— Mas é isso que você não entende, eu sou um objeto de troca. Só sou noiva de alguém que não amo para fazer o reino ficar em paz. — Deixo mais umas lágrimas caírem, afastando o meu corpo do de Victor. — Eu quero você. O seu irmão é um monstro.

Pego minha camisola e começo a vesti-la, perdendo totalmente o momento confortável que o prazer me deu. A ira já estava tomando conta do meu ser de novo.

— Emília, eu te entendo. — Ele segura meu braço, fazendo com que eu olhe dentro dos seus

olhos. — Mas não sei como fazer com que os nossos pais desfaçam o seu casamento com meu irmão e... — Solta meu braço e passa a mão pelo cabelo. Vejo seu pomo-de-adão se mover, enquanto engole em seco antes de continuar: — Richard pode ser bem convincente quando quer e... Eu não sei o que fazer — desespero é o que ouço sair da boca de Victor.

— Eu só queria amar e ser feliz. Sei que encontraria a felicidade com você, mas ela é muito diferente para mim. Não tem como ser feliz com quem não tenho nenhuma ligação, por quem não sinto nada, nem ao menos desejo por seus beijos. Por quem já me ameaçou algumas vezes.

— Como assim te ameaçou? — Victor encara-me, e a fúria toma conta de sua expressão.

— Coisas banais, mas que me provaram que você estava certo sobre ele.

— E por que não me disse antes? — Ele começa a caminhar em círculos pelo labirinto, passa as mãos pelos cabelos negros e volta a olhar para mim. — Eu vou matá-lo, ele nunca se aproximará de você novamente! — Victor cospe sem um pinga de sentimento.

— Ficou maluco, Victor? — e dessa vez quem

se desespera sou eu. Aproximo-me de seu corpo e espalmo as mãos em seu peitoral, que ainda está sem a camisa, para protegê-lo. — Não faça nada, as ameaças dele não foram tão efetivas. Não posso conviver com a culpa de você cometer algo do qual se arrependerá depois.

— Eu não irei me arrepender. Ele está mexendo com o que é meu. Porque eu sinto no fundo do meu peito, Emília, que você é minha. A mulher com quem devo passar todos os dias da minha vida. Não aceito que se case com ele.

— Mas é inevitável. Não temos saída a não ser seguirmos os nossos caminhos separados — afirmo, mas eu nunca esperaria ouvir dele as palavras que foram ditas:

— Nunca. Eu quero você, não me importo com a guerra que se formará. Posso até tentar convencer meu pai a trocar o seu noivo. — Olha em meus olhos e joga a bomba em meu colo: — Ou podemos nos tornar desertores e fugirmos. — A determinação que enxergo em Victor prova que ele pegaria um cavalo neste exato instante para fugir comigo até mesmo de camisola.

Eu penso em dizer que sim, que devemos fugir, tornarmo-nos desertores, deixando o reino

explodir se for possível, mas, no fundo do meu coração sei que não conseguiria ultrapassar os limites do castelo. E é por isso que jogo a sentença:

— Não podemos fazer isso, nossos reinos entrariam em guerra por meus sentimentos pertencerem a outro príncipe. — A determinação dos olhos de Victor desaparece, e pela primeira vez eu o vejo ficar pálido e perder a pose confiante. — Você sabe muito bem que nem seu pai e nem o meu aceitariam esta mudança. Victor, você é o herdeiro do trono de Cremere, não pode se mudar para Amitele, e o acordo diz que eu nunca sairia do meu reino para morar no seu.

— Emília, por favor, não sei como poderei governar um reino sem a mulher que quero ao meu lado. — Seus olhos suplicam para que eu aceite a loucura que ele me propôs, mas ao imaginar quantas crianças morreriam, quantas famílias ficariam incompletas por nossos atos cometidos no calor do momento, eu nego.

— Não podemos. Eu seria incapaz de cometer tamanha loucura.

Victor respira fundo, hesitante, mas depois de algum tempo, resignado, assente e começa a

vestir sua roupa.

Mesmo com o coração partido, aceitamos que nossas vidas foram feitas para serem separadas. E assim nos despedimos, na saída do labirinto, com mais um beijo ardente, daqueles que nunca serão esquecidos; daqueles que irei guardar para sempre na minha memória para que eu possa compensar os momentos mais tristes.

Voltamos para dentro do castelo, novamente separados. Entro em meu quarto e choro por ter sido prometida ao príncipe errado.

No outro dia, Richard e Victor voltam para seu reino, e a despedida é devastadora, pois o único homem que despertou sentimentos em meu coração nunca poderá ser meu. Às vezes temos que fazer escolhas em nossas vidas. Elas podem ser boas ou ruins. Victor e eu tomamos nossa decisão para vivermos com o reino em paz, pois o meu casamento acontecerá para impedir a guerra entre os dois reinos. Assim tivemos que nos separar. A minha infelicidade existe para que o meu reino seja feliz, para evitar que pessoas inocentes morram.



PERIGOSAS NACIONAIS

Olho-me no espelho e vejo a tristeza refletida em meu olhar. Hoje é o grande dia, aquele em que deveria estar radiante, afinal, todos estão. E se a sociedade está radiante, por qual motivo a noiva não estaria, não é mesmo?!

O vestido branco reluz de forma incrível, mas esse brilho não chega aos meus olhos. Não posso negar que ele é lindo, digno de uma princesa, com uma calda enorme, como eu sempre sonhei, mas meu sonho nunca incluía me casar com alguém que não amo. Minha maquiagem leve realça somente meus olhos, de tons esverdeados. Nunca gostei de nada extravagante; o simples sempre me atraiu, por isso quase não se vê nada em meu rosto. Meus cabelos estão soltos em cachos ondulados, onde o tom dourado deles fica ainda mais belo e minha coroa resplandece em minha cabeça.

Mesmo estando impecável, a vontade de chorar me assola. Pensamentos de fuga passam por minha cabeça a cada segundo, mas eu sempre os tiro da minha mente. Não posso fazer isso com meu reino. Importo-me com minha mãe e meu pai também, mesmo que o último não mereça muita consideração, afinal, foi ele que armou todo esse casamento indesejado.

PERIGOSAS ACHERON

Ouçõ toques suaves na porta e logo ela é aberta.

— Minha querida, você está linda — mamãe diz, toda emocionada.

— Nem é pra tanto — não tento esconder minha infelicidade em minhas palavras.

— Ei, hoje é o dia do seu casamento, tem que sorrir e ser feliz. — Esse foi o erro de minha mãe, pois ser feliz é impossível.

— Um casamento que eu não queria, com um príncipe que não amo, e meu amado vai estar no mesmo ambiente vendo tudo — digo, sem prever as consequências.

— O que você disse, Emília? — minha mãe diz, segurando meus braços e me olhando com os olhos zangados.

— O que você ouviu mamãe. Eu amo outro e tenho que me casar com Richard.

— Quem? — ela diz, pálida. Penso que por um momento ela possa passar mal, mas deixo de me importar um pouco com os outros e só falo:

— Não interessa, agora é hora de me casar e ser infeliz pelo resto da minha vida. Com licença.

— Emília, não me deixe falando sozinha.

Não acato seu pedido, e saio. Vou em

direção às escadas, onde meu pai já me espera para me levar até o jardim, onde tudo foi organizado para o casamento.

Mamãe passa por nós sem nem ao menos me olhar, apenas se dirige para onde está organizado o altar.

— Pronta, querida?

Assinto e nem olho para meu pai. Caminhamos para fora, e a marcha nupcial começa a tocar. Não sorrio, não olho para os convidados, foco minha atenção somente em Victor, que está com uma princesa linda ao seu lado, provavelmente a dama escolhida para acompanhá-lo.

O olhar dele não está muito diferente do meu, o que em faz sofrer calada. Os dias que ficamos afastados, depois de tudo que aconteceu, pareceram aumentar o desejo por ele. De uma simples paixão, o sentimento de amor tomou posse do meu coração, e posso ver por seus olhos que ele também não está muito diferente.

Engulo em seco ante o pensamento e a cada passo que dou aproximo-me ainda mais do meu fim. Assim que sou entregue a Richard, e ele beija minha testa, sinto vontade de desabar em lágrimas, mas me controlo quando Victor levemente nega

com a cabeça.

Desvio meus olhos dos dele e ouço Richard sussurrar.

— Você está muito linda, Emília!

Não digo nada, não conseguiria. E assim o reverendo dá início ao casamento mais aguardado do ano, não por mim, mas, sim, pelos convidados. Seria uma cerimônia perfeita, com a primavera no seu ápice, as flores do jardim exalando seu cheiro por todos os cantos, o sol se pondo em um final de tarde magnífico, os noivos muito bonitos, mas nada estava certo neste enlace.

— Sim. — Escuto Richard falar e abandono meus pensamentos para me focar no casamento.

Quando o reverendo diz meu nome e pergunta se eu aceito, não respondo de imediato. Olho para Victor, e ele arregala os olhos, esperando minha reação. Tenho certeza de que se eu dissesse “não”, ele iria me tirar daqui o mais rápido possível. Volto-me para meus pais, e eles estão confusos, vejo um pouco das pessoas do reino pelo meu campo periférico e só de imaginar todas aquelas crianças sofrendo com as consequências das minhas escolhas meu coração se parte, por isso, digo a única palavra que devo dizer:

— Sim. — Victor abaixa a cabeça e vejo uma lágrima escorrer por seu rosto, enquanto várias deslizam pelo meu. Todos devem pensar que estou emocionada com o matrimônio, mas na verdade é de tristeza.

Quando tudo acaba, e o grande beijo dos noivos chega, os aplausos explodem por todos os cantos. Não consigo sorrir, só quero escapar um pouco dos olhares de todos.

E assim que a obrigação dos noivos finaliza, manifesto-me.

— Vamos para algum lugar onde eu possa respirar sem ter tantas pessoas por perto — com a voz embargada, sem conseguir conter o choro, sugiro a Richard.

— Claro — mesmo que ele seja um grosso comigo, aceitou prontamente.

Entramos em um dos escritórios do castelo. Richard tranca a porta e me coloca sentada em uma das poltronas que está disposta no local.

— O que foi, Emília, por que esse choro descontrolado? — Embora tenha aceitado meu pedido, ainda me trata com falta de educação. Richard se ajoelha à minha frente e segura meu queixo, fazendo-me olhar em seus olhos.

— Você sabe que eu não queria me casar, então, deixe-me respirar um pouco.

— Eu sei bem, ainda mais pela cena que meu irmão fez quando voltamos para Cremere. — Ele sorri com escárnio e volta a dizer: — Mas nossos pais acertaram este casamento, e assim será. Se você for infeliz, o problema não é meu. — Sinto meu coração se comprimir ao ouvir que Victor fez alguma coisa em seu reino quando eu não estava presente.

— Por que é tão horrível comigo? Se tivermos uma boa convivência, nosso casamento pode ser bom.

— Então pare de chorar. — Levanta-se, mas não deixa de me encarar. — Tentarei ser um marido bom, mas se você não for uma boa esposa, eu não te tratarei bem.

— Eu tentarei.

— Então firmaremos um pacto, vamos tentar ser felizes. — Limpa minhas lágrimas com força E depois me ajuda a me levantar da poltrona. Voltamos, então, a caminhar para o local da festa.

Enfim, somos marido e mulher, e agora temos que honrar isso. Como o futuro podia ser incerto, eu iria aproveitar esse momento de “paz”

que estabelecemos e tentar aproveitar o casamento.

Depois do meu desabafo, sinto-me mais leve. A festa está acontecendo de maneira alegre, e Richard até que me fez rir em alguns instantes. O único momento em que fico apreensiva é quando olho para Victor, e ele retribui o olhar de maneira desesperada.

Levanto-me da mesa para ir ao toalete, e todos os cavalheiros da mesa se levantam para que eu saia.

Antes de chegar ao meu destino, sou impedida por quem já imaginava: Victor.

— Feliz com o casamento, princesa? — ele diz com sua voz embriagada.

— Você sabe que não.

Ele segura meu braço e me puxa para dentro do banheiro. Tranca a porta e me encosta na parede.

— Você acha que sou bobo? — Nego sem entender. — Vi como você está sorridente. Nem parece que disse que nutria sentimentos por mim. Mentirosa, você é como as outras. Mas soube me fazer de bobo. Eu confiei em você, e agora está aí esfregando sua felicidade em minha cara, enquanto estou sofrendo ao ver a mulher que *amo* sendo feliz

com outro.

Olho para Victor, sentindo meus olhos lacrimejarem novamente. Meu Deus! Ele disse o que eu venho tentando esconder a todo o tempo. Victor realmente me ama.

— O que foi? — ele questiona ao ver que estou petrificada depois de sua declaração.

— É que você disse que me ama — sussurro.

— E o que adianta ficar assim — aponta em minha direção, referindo-se à minha expressão —, se você nunca poderá ser minha? E ainda está feliz com o seu casamento.

— Nunca. Você está embriagado e entendendo tudo errado. Eu só estou tentando não perder o controle com tudo o que aconteceu. Não pense que te enganei, Victor.

— Essa sua maneira de “não perder o controle” é muito estranha. — Começa a soluçar, e eu sinto pena dele e de mim. Que futuro cruel teríamos. — Eu sou um idiota. Perdoa-me, por favor?

Tento ficar com raiva dele, por seu rompante, mas não consigo. Abraço-o uma última vez, por longos segundos, e depois, quando percebo

que ele está mais calmo, olho em seus olhos, dizendo as palavras mais dolorosas que já pronunciei na vida:

— Eu entendo, também não saberia reagir nessa situação. Mas acabou, nós decidimos naquele dia que tudo havia terminado, então, siga a sua vida, que eu seguirei com a minha. Não podemos mais ficar em um cômodo sozinhos, parecendo como se eu não fosse casada. Sou a mulher do seu irmão. O melhor a fazermos é esquecermos um do outro. — Antes de sair, olho no fundo dos seus olhos e digo: — Eu também te amo e nunca irei te esquecer.

Dizendo isso, destranco a porta do banheiro e saio com o choro preso na garganta, mas desta vez eu me controlo. Tomamos nossa decisão e vamos honrar com nossa palavra.

Logo todos começam a ir embora, e meu coração entra em colapso, pois só fico imaginando a consumação do casamento.

Quando caminho para o castelo, para tirar o vestido, uma das meninas que me acompanham entrega-me uma folha e pede para eu ler em um lugar reservado.

Assinto e vou para meus antigos aposentos,

pois depois do casamento tenho outro cômodo para passar minhas noites com meu marido, o que me deixa mais triste. Meu antigo quarto tem uma das melhores vistas do castelo, mas até isso com o casamento eu perdi.

Entro e fecho a porta, sento-me na cama e abro o papel.

Oi, minha linda princesa. Desculpe-me por meu rompante de hoje mais cedo, sou um grande idiota que desperdiçou um momento em particular com você.

Eu não conseguirei ver você e meu irmão juntos, por isso, sumirei de suas vidas. Richard sabe dos meus sentimentos, porque fiz uma cena em nosso reino para tentar convencer meu pai de que eu seria

uma melhor escolha, no entanto, eles não me deixaram tomar essa decisão de troca. Como você mesmo disse, nunca permitiriam que o herdeiro do trono abdicasse de suas responsabilidades por um amor. Fui avisado de que se me aproximasse de você com alguma intenção que não fosse de cunhado, ele não pensaria duas vezes antes de enfiar sua espada em seu coração. Já disse que não confio nele, então, tenha cuidado, por favor, meu amor.

E é por isso, para evitar qualquer problema, para te manter a salvo, que me afastarei de sua vida. Àquela hora no banheiro, eu queria

me despedir pessoalmente, mas não consegui, deixei meu ciúme falar mais alto. Fui um imbecil e perdi a única oportunidade que tive com você.

Emília, eu sempre irei te amar, no entanto, o nosso destino foi traçado para não ficarmos juntos.

Te amo, minha princesa. Nunca se esqueça disso, mas seguirei minha vida, afinal, esse é o certo. Preciso fazer o meu reino prosperar, e você faça o favor tentar ser feliz. Adeus!

Victor.

As lágrimas caem sobre a folha de papel.

Agora eu sei que tudo acabou. Victor se foi, e minha vida nunca mais será a mesma. Dobro o papel, escondendo-o embaixo do colchão do quarto que sei que não será utilizado por ninguém durante muito tempo. Tentando me controlar, saio do quarto para minha nova vida. Uma vida onde Victor não estará nela. Uma vida que eu espero que seja ao menos boa, que tenha alguns momentos felizes. Porque senão será impossível de aguentar.



Estou sentada em minha cama, mas não consigo parar de olhar para a porta que faz a conjugação dos quartos. Sei muito bem que do outro lado Richard se faz presente, pois ouvi alguns ruídos há alguns minutos.

Estou nervosa, não quero ir para a cama com ele. Sei que é minha obrigação, mas não

consigo imaginar outro homem tomando posse do meu corpo.

Ainda me lembro, como se tivesse acabado de acontecer, da noite em que Victor e eu fizemos amor e não consigo pensar que outra pessoa irá me tocar.

O que fiz para merecer isso?

Ouçõ a porta do conjugado ser aberta, e meu coração dispara. Direciono meu olhar para Richard e assusto-me ao perceber que ele já se despiu e está completamente nu dentro do meu quarto.

— Olá, minha esposa — diz com a voz embargada. Percebo que ele está tão bêbado quanto Victor mais cedo.

Eu nem ao menos tirei meu vestido, pois achava que com tantos panos Richard desistiria, mas ao ver seu estado, percebi que meu destino já estava traçado.

— Você nem se despiu, meu amor. — Richard caminha em minha direção e retraio-me. — Não havíamos combinado que tentaríamos fazer isso dar certo?

Assinto quando percebo que ele está esperando minha resposta, mas não consigo focar

meu olhar em seu corpo, sinto-me envergonhada por ele estar nu em minha frente. Não que seja feio, mas não quero dividir algo tão pessoal com ele.

— Então por que não tirou sua roupa? — Richard puxa-me pelo braço, pondo-me de pé à sua frente.

Ele segura no decote recatado do vestido com suas mãos e em seguida o puxa, fazendo com que todos os seus feixes arrebentem. Tento me afastar, mas ele não deixa.

— Não, por favor. — Desespero-me. Ele desce meu vestido com brusquidão, deixando-me somente com as roupas íntimas à sua frente.

Tento tampar alguma parte do corpo com meus braços, mas ele me impede. Jogando-me na cama e colocando-se em cima de mim, com todo o seu peso, não consigo nem me movimentar para tentar escapar.

— Por que não? — Ele questiona, roçando seu membro em minhas coxas.

— Vamos tentar outro dia, hoje não, Richard, por favor.

Ele sorri e com isso penso que cederá para que façamos sexo em outra noite, quando eu estiver mais calma, mas vejo que estava completamente

errada ao perceber sua intenção. Richard arranca minha roupa íntima e penetra-me em seguida, sem nem ao menos me preparar.

Fecho meus olhos, não querendo vê-lo por cima de mim. Como dói!

— Vamos ser felizes, meu amor — sussurra em meu ouvido, enquanto faz seus movimentos violentos de vai e vem.

Deixo algumas lágrimas escorrerem dos meus olhos, mas ele nem se importa. Quando se libera dentro do meu corpo, se retira de mim e diz, com desdém:

— Pronto, pode se limpar e ir dormir. Irei para meu quarto. Caso precise de mim, sabe onde me encontrar.

Ele bate a porta do conjugado, e tudo que eu quero é morrer. Nada mais que isso. Qual seria a próxima merda que o destino estaria me reservando?



O tempo foi passando, e eu percebi que se não aceitasse o que estava acontecendo seria pior para mim, Richard entrou várias vezes seguidas em meus aposentos e deleitou-se do meu corpo. Na verdade, ele entra até hoje. Não importa se estou em meus dias de sangue, ele nunca me dá a liberdade de escolha.

Acompanho-o na maioria dos seus compromissos, somente em alguns que ele não me deixa participar. Minha mãe sempre percebe a minha infelicidade, mas não expõe seus pensamentos.

Estou casada há exatamente dois anos, e é uma união extremamente triste. Richard é um homem sem sentimentos, que me usa só como a mulher que lhe dá prazer durante todas as noites. Sexo sem consentimento desde o dia da nossa noite de núpcias.

Estou sentada na poltrona da sala, olhando o horizonte, quando Matheo – o entregador de correspondência – chega perto do meu assento, entregando-me uma carta com o brasão do Reino de Cremere.

— Obrigada, Matheo!

Olho para aquele brasão e para o papel caro que foi utilizado para fazer a carta. Sei exatamente do que se trata, não preciso nem abrir, mas mesmo sabendo que meu coração irá doer, eu abro, para que a minha infelicidade se complete.

Príncipe Victor Leopoldo Linsop

&

Duquesa Liliane Topz de Petrovick

*Convidam todos para o seu
matrimônio...*

Paro de ler no mesmo momento que vejo que realmente se trata do que eu imaginava. Agora ele também terá alguém com quem dividir suas noites e fazer um herdeiro.

Herdeiro esse que me cobravam há alguns meses, pois, mesmo fazendo sexo todas as noites, eu não engravidara. Richard começou a me culpar, e eu não sei mais o que fazer.

— Olá, meu amor — Richard diz ao entrar na sala.

Observo-o e o cumprimento com um aceno. Ele olha para o convite que está disposto em minhas pernas e, reconhecendo o brasão, o toma de mim.

Após ler o que está escrito sorri, como se esnobasse dos sentimentos que estão passando por meu coração.

— Está feliz com a união do meu irmão? — Ajoelha-se à minha frente, encarando meus olhos.

— Claro, por que não estaria? Ele será um ótimo marido — cuspo em sua direção.

Richard fecha sua expressão e segura-me pelo braço, puxando-me em direção ao corredor, abrindo a porta do seu escritório.

— Irei mostrar como sou também um ótimo marido.

Ele tranca a porta e empurra-me em cima de sua mesa. Prende meu corpo, levanta a saia do meu vestido e como todos os dias se força dentro de

mim, fazendo-me sofrer cada dia mais.



Estou sentada na poltrona que fica disposta em frente ao espelho do meu quarto, olhando algumas rugas de expressão que apareceram em meus olhos. Ao mesmo tempo foco no pingente em formato de coração com uma pequena esmeralda no centro disposto sobre meu pescoço.

Seguro o pequeno colar em minhas mãos e lembro-me de como o ganhei. Foi há cinco anos, no dia do casamento do único homem que amei na vida.

Como se a cena se repetisse, Victor me prendeu dentro de um banheiro, em sua própria cerimônia.

— Me perdoa, Emília — disse, de forma triste.

— Eu não tenho nada para te perdoar, meu amor. — Passo a mão por seu rosto e sussurro: — Era o que tinha de ser feito.

E mesmo que não tenhamos trocado nenhum beijo, o colar que ele colocou em meu pescoço foi a prova que eu precisava naquele dia para saber que nosso amor continuava forte como nunca.

Lembro-me de que estava sentindo-me totalmente destruída quando ele disse sim para Liliane. Hoje eles têm filhos gêmeos e vivem no reino de Cremere felizes; pelo menos foi o que me disseram.

Eu fico extremamente contente com o presente que o destino reservou ao meu príncipe. Nunca quis que sofresse como eu sofri, no início do meu casamento.

Hoje, depois de longos anos, consigo até viver com um pouco de harmonia com Richard. Nunca o amei e nem o amarei, mas há dias em que até consigo ter uma conversa saudável com ele.

Saio dos meus devaneios ao ouvir as batidas afoitas na porta do meu quarto. Levanto-me depressa e escancaro a madeira pesada, encontrando uma das minhas damas de companhia

que está completamente pálida e com falta de ar.

— O que foi, Clarisse? — questiono.

— Vossa Alteza, o príncipe solicita a presença da Senhora no escritório dele. Disse que é urgente.

Assusto-me, pois Richard quase nunca solicita minha presença em seu escritório e é por esse motivo que saio em um rompante, direcionando-me ao andar de baixo.

— Você solicitou minha presença? — abro abruptamente a porta de seu escritório, e ele me encara.

— Acho melhor você se sentar, querida.

A expressão de Richard é indecifrável, e eu estou a ponto de entrar em colapso. Não gosto de suspense, e, por sua expressão, sei que serão notícias sérias.

No mesmo momento penso em meus pais, que saíram de manhã para uma visita aos reinos vizinhos que são nossos parceiros e já deveriam ter retornado.

— O que está acontecendo?

— Emília, tenho algo para lhe dizer que é muito sério. — Richard suspira, passa a mão por seus cabelos e só pelo seu jeito sei que algo muito

grave aconteceu.

— Richard, fala logo, você está me deixando apreensiva sobremaneira.

Ele abaixa sua cabeça, e depois de mais um longo suspiro volta seus olhos em minha direção.

— Emília, os seus pais caíram em uma emboscada quando estavam retornando para o palácio na estrada das amendoeiras. Infelizmente não sobreviveram.

O olhar que me direciona faz com que um pequeno som de dor saia por meus lábios. Richard se levanta de seu lugar e vem para o meu lado, segura minha mão e olha em meus olhos.

— Sinto muito, Emília. — Sinto meu coração trincar e logo em seguida quebrar em mil pedaços.

Horas se passam desde quando recebi a notícia que mudara toda a minha forma de enxergar a vida. Não posso acreditar que isso tenha acontecido. Como eles puderam cair em uma emboscada? Meu pai nunca errou caminhos, sempre soube se defender do mal que assolava todos os reinos e em hipótese alguma entrava na estrada das amendoeiras, pois sabia como era arriscado pegar esse atalho que levava ao nosso

palácio. Continuo chorando descontroladamente, sem conseguir acreditar na loucura que aconteceu. Quero dormir e acordar quando esse pesadelo terminar, afinal, não acredito que possa estar acordada. Isso é inaceitável.

Só de lembrar-me de minha mãe, linda e bela com seu vestido dourado, e meu pai, com sua expressão carrancuda, volto a chorar. Sei que tinha desavenças com eles, mas nunca desejei perdê-los de maneira tão abrupta.

Richard volta com uma xícara de chá para me acalmar, mas nem bebo. Se colocar algo em meu estômago é capaz de vomitá-lo. Ele insiste, e eu, descontrolada como estou, pego a xícara e a taco na parede mais próxima, continuando a chorar.

Não consigo acreditar, não consigo crer que seja real. Não consigo...

— Estou tentando te ajudar, Emília. — Richard perde um pouco da paciência para comigo, mas não me importo.

— Você não pode trazê-los de volta, então, não venha tentar se fazer de bom moço. — Levanto-me da poltrona, e algumas das damas que estavam me acompanhando se afastam com medo do meu rompante.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você tem que se manter calma — tenta me tranquilizar, como se ele se importasse com alguma coisa.

— Não me peça calma quando você não sabe o que estou sentindo — grito, e todos saem mais que depressa da sala.

— Acho que você esqueceu que minha mãe morreu quando eu ainda era pequeno.

— Mesmo assim, ela não foi assassinada. Então, não peça para que me acalme.

Não posso crer que perdi minha mãe. Como dói!

— Querida, você precisa se manter firme para tudo que ainda irá acontecer.

Mesmo com as palavras de repreensão de Richard, não consigo, é demais para o meu ser, é demais!

Saio correndo da sala do castelo e subo para o meu quarto. Assim que chego lá, deito-me sobre a cama e choro; a dor em meu coração é de destruição; a destruição que acabou com toda a minha família. Estou literalmente abandonada neste mundo, cercada só por pessoas que não me amam.

Logo a porta se abre, e eu nem preciso olhar para saber que é Richard. Estou achando que ele

PERIGOSAS ACHERON

está muito condolente com meu estado; ele nunca foi assim, mas agradeço por ao menos uma vez ele parecer um ser com mais empatia. Eu não suportaria suas gracinhas em um dia como hoje.

— Por que aconteceu isso, Richard? — Retiro minha armadura, pois não consigo me manter forte com tudo o que aconteceu.

— Não sei, Emília, mas eu vou estar ao seu lado, te apoiando neste momento perturbador. — Afaga meus cabelos enquanto deixo mais algumas lágrimas caírem.

— Obrigada por essa bandeira branca que você está me dando.

— Eu sei entender os momentos sérios. E prometi, na saúde e na doença, que iria te apoiar. Sei que os nossos anos de casados não foram tão perfeitos como você sonhou, mas estou aqui por você.

Não digo nada, só deixo Richard continuar afagando meus cabelos. Acho que esse foi o instante mais terno que tivemos em todos os nossos anos juntos.

Mais algumas lágrimas caem dos meus olhos, e eu não consigo mais ficar deitada, preciso fazer algo para ver se consigo abafar essa dor

grande que tomou todo o meu peito e que não sei mais como tentar amenizar. Ela está me destroçando, me devorando, acabando comigo a cada segundo.

Richard me olha sem entender, e eu mais que depressa tento explicar a ele o que quero.

— Não posso ficar para sempre chorando, já tem mais de quatro horas que estou nessa cama, como uma criança que perdeu tudo. Claro que eu perdi tudo... — Solto alguns soluços devido ao choro e volto a falar quando me acalmo mais. — Mas preciso saber o que aconteceu, Richard.

— Emília, não acho uma boa ideia você querer entrar ainda mais fundo nesse assunto. Não vai fazer bem a você.

Olho-o com um pouco de raiva. Ele sabe muito bem que quando coloco algo em minha cabeça, vou até o fim. Não sei por que está tentando me fazer mudar de ideia.

— Richard, não vou perder meu tempo discutindo com você. Com licença.

Saio do quarto e logo escuto-o vindo atrás de mim, procuro um dos guardas que trouxeram a informação sobre a morte dos meus pais e logo encontro um deles.

— Antony — chamo com a voz rouca devido às lágrimas, mas logo recupero meu tom forte perante ao guarda. — Quero que me conte detalhadamente o que aconteceu com meus pais.

— Princesa... — Ele olha pra Richard, pedindo permissão com o olhar, e no mesmo instante vejo meu marido negar com a cabeça.

— O que está acontecendo aqui? Eu te perguntei algo, não precisa pedir autorização a ninguém.

Digo, mas ele finge que não estou falando com ele e me dá as costas.

— Querida, volte para o quarto — Richard esbraveja, já impaciente.

— Olha aqui, meu *querido*, não estamos falando dos seus pais, estamos falando dos meus, então, não se intrometa onde ninguém te chamou — digo da mesma forma, encarando-o com ódio nos olhos.

Vejo-o retribuir com um semblante irado, mas não me importo com o que fará; no entanto, nós dois desconectamos os nossos olhares assim que ouvimos alguns burburinhos.

Caminho até a janela e olho para fora, até ver que os guardas estão trazendo uma carruagem

toda quebrada e com marcas de sangue. No fundo há duas macas – feitas de madeira resistente, grossas, com as pernas grandes para oferecer facilidade para quem a carrega, afinal, cada uma precisa ser amparada por quatro homens - tampadas com tecidos brancos. Minhas pernas perdem as forças, e Richard me ampara. Ouço as trombetas tocando a música fúnebre que anuncia a morte de alguém, e essa morte é a de quem eu nunca queria presenciar, dos únicos que me restaram para chamar de família. Ao longe vejo a bandeira preta subir por todo o mastro e a do reino ser colocada ao seu lado.

Sei que grito de horror, deixando novamente o choro tomar conta do meu ser. De repente não sei mais onde estou, só sei que tudo escurece e eu vou para a escuridão, onde parece ser mais fácil. Onde não existe dor nem sofrimento. Onde eu poderia continuar pelo resto da vida.



Mexo-me na cama confortável. Meus músculos tensos relaxam, e sinto um conforto imenso. Abro os olhos, e a lua brilha por minha janela, parecendo querer me lembrar de algo, mas no momento só quero sentir a maciez deste colchão.

O céu estrelado é convidativo, mas sinto a exaustão por todo o meu corpo, então, observá-lo de longe é melhor do que ir até a janela para vê-lo mais de perto. Sinto alguém deitado ao meu lado e assusto-me, pois não me lembro de Richard ter invadido meu quarto pela madrugada.

Remexo-me, fazendo com que Richard desperte, e ele sorri tristonho ao focar seus olhos em mim, mas não consigo entender por quê. Sei que a atmosfera está diferente, até a lua parece chorar, mas não me lembro o que pode ter acontecido.

— O que aconteceu? — pergunto, tentando me lembrar de algo que perdi. Ele franze o cenho e me encara sem entender.

— Você está sonhando? — Richard diz por fim, depois de longos minutos me encarando.

— Não, perdi meu sono. Aí decidi observar

a lua, mas está tudo tão estranho. — Respiro fundo e continuo. — No entanto, quero ver se papai e mamãe já chegaram... — a frase morre no meio do caminho, pois as lembranças de horas atrás voltam com força total em minha mente.

Por um momento eu penso que estou tendo um pesadelo, mas é real, meus pais morreram. É inevitável lembrar de mais cedo quando os corpos apareceram cobertos com lençóis. Começo um choro sem fim, novamente com gritos de sofrimento saindo de minha garganta. A dor forte toma meu corpo, deixando-o exausto em minutos outra vez.

Depois de várias horas Richard retira-se, indo fazer algo melhor do que ficar me assistindo chorar, pelo menos foi isso que ele disse antes de sair. Hoje começa o funeral, e não sei se estou preparada. Não sei se conseguirei ver minha família virar cinzas.

Eu só queria eles aqui e bem, mas a vida, como sempre, faz o pior para todos nós. Sempre levei bons tapas dela e do destino. Antes, quando pequena, não podia viver como as outras crianças por ser uma princesa, depois, quando adolescente, fiquei noiva de alguém a quem não amava. Casei-

me. Fui feliz? Não.

O que mais você quer, vida?

Nunca consegui ter filhos, e era um sonho que sempre tive. Não sei se o problema sou eu ou Richard, só sei que sinto falta de ter um bebê para chamar de meu. Ao menos com uma criança eu teria uma pessoa para amar e não estaria sozinha como agora. E hoje perdi meus pais de maneira violenta e perturbadora. Então, volto a repetir: *o que mais você quer, vida? O quanto mais eu vou sofrer nesse meu destino inconsequente?*

Às vezes a vontade de desistir é imensa, mas eu nunca farei isso, sou forte e aguentarei tudo da melhor maneira possível. Bom, pelo menos vou tentar aguentar!



Pego um dos únicos vestidos pretos que

tenho em meu armário e o visto. Dispensei a ajuda de minha criada, pois quero ficar o máximo de tempo que consigo afastada das pessoas que me lançam olhares de pena, o que eu odeio. Os fracos tentam ganhar proveito sobre os outros com esse sentimento.

Termino de me aprontar e desço escada abaixo. O salão principal está cheio de pessoas da realeza de outros reinos. Eles me oferecem seus pêsames, e eu tento recebê-los da melhor forma possível, mas por dentro estou mandando todos irem para o inferno.

Vejo Richard conversando com alguns condes, duques, e eu não o atrapalho, vou para perto da janela e fico observando as flores do jardim que tanto amo, mas elas estão tão tristes que sei que sentem a dor que paira no ar. A dor que destroça meu coração a cada segundo.

Algumas princesas e condessas tentam me consolar, aceito de bom grado as condolências, mas logo fico sozinha novamente.

Passo meus olhos pelo salão e não vejo quem eu estava procurando. Tive algum fio de esperança de que ele viesse, mesmo que fosse com sua esposa e filhos. Eu só queria um abraço neste

PERIGOSAS NACIONAIS

momento difícil, porém, Victor não está aqui. Talvez não seja tão importante para ele esse momento difícil para mim.

Sem pensar muito no que estou fazendo, começo a sair do salão. Quando me dou conta, estou no centro do labirinto. Neste momento eu só quero manter as pessoas longe de mim.

Vou para o mesmo lugar onde fiz amor pela primeira vez e me sento no chão, não me importando se irei sujar meu vestido. Só tento esquecer um pouco a dor que estou sentindo. Aqui eu fui feliz pelo menos uma vez na vida.

Hoje estou aqui para ver se as lembranças fazem a dor diminuir. Lembro-me de seus beijos, seus braços ao meu redor, lembro-me de tudo como se tivesse acontecido ontem. Pena que já faz tanto tempo e nunca voltou a acontecer.

Ah, Victor, como sinto sua falta! Longos anos sem te ver... Nem sei se continua com aquele ar de petulância, e eu só queria você aqui. Para pelo menos me fazer tentar esquecer.

Perco a noção do tempo, e só volto à realidade quando escuto a trombeta tocar, anunciando a chegada de mais alguém. Abraço minhas pernas e encosto minha cabeça nos joelhos.

PERIGOSAS ACHERON

Não quero receber mais ninguém. Não quero olhares de pena para mim, não quero nada disso. Só quero esquecer tudo. Eu poderia ter estado na carruagem também, para ter morrido junto com meus pais e não sentir o que tanto me faz sofrer.

Já está escurecendo, mas não tenho a mínima vontade de voltar para o salão principal, que está abarrotado de pessoas, na sua maioria estranhas que nunca tive contato e que terei que suportar por mais alguns dias.

Os funerais nos reinos costumam durar três dias. Hoje foi só o primeiro, terá mais amanhã, e depois é o dia que acontece a cremação, o único no qual eu queria comparecer. Ficar aqui no labirinto até a hora exata parece melhor do que encarar a realidade; na verdade, não queria aparecer em momento algum, mas sei que tenho compromissos para com o reino. E todos sairiam comentando como fui injusta de não surgir nesse velório infernal. As pessoas podem ser mais maldosas do que costumam, se algo não for de acordo com o que acham certo. Elas já te julgam, sem nem ao menos te darem o direito da explicação.

Acho que chorei tanto que minhas lágrimas secaram; consigo sentir meu rosto inchado, e,

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo assim, a vontade de chorar ainda domina meu corpo. Estou literalmente esgotada!

Olho para as primeiras estrelas que surgem no céu e penso que meus pais são duas delas. Mary sempre me disse que quando morremos viramos estrelas e agora quero acreditar que isso seja real. Pois assim poderei olhar para o céu e pensar que estão lá, olhando por mim.

Observo os pontos brilhantes por longos minutos, talvez podem ter se passado horas, não sei exatamente, só sei que quando ouço passos sinto um ódio profundo. Como conseguiram me encontrar aqui? Logo eles que nunca dão conta de andar pelo labirinto!

Preparo-me para escutar tudo o que Richard tem a dizer, mas no momento em que a pessoa aparece, meu mundo para. Não é Richard, não é nenhum guarda real, não é ninguém indesejado: é *ele*!

Meus olhos focam nos de Victor, e eles refletem tudo que os meus refletem: saudade e a paixão proibida que nunca pudemos viver. Mostram a infelicidade reprimida por anos, o desespero de querermos que nossos corpos se toquem pela proximidade, embora saibamos que

PERIGOSAS ACHERON

nunca nos seria permitido.

Levanto-me lentamente e caminho da mesma forma em direção a Victor, que me olha com tanta ternura que eu só queria esse olhar direcionado a mim pelo resto da vida.

Ele aproxima-se de mim, e uma de suas mãos sobe, tocando minha face. Fecho meus olhos, apreciando o momento. Alguns fios de cabelos voam pelo meu rosto, e ele mais que depressa dá um jeito de afastá-los.

O mundo poderia parar agora que eu aceitaria tudo, mas ao menos nunca mais perderia a sensação de tê-lo perto de mim. Anos sem vê-lo, anos que ele cumpriu com o prometido e não se intrometeu em minha vida. Mesmo assim, o meu coração dispara, minhas mãos ficam trêmulas e sinto minha bochecha corar por estar sendo observada por Victor. As borboletas... Ah, as borboletas voltaram com força total para me deixarem em estado de êxtase.

Por uma fração de momento esqueço o caos no qual minha vida se transformou, só por encarar seus olhos que me fascinam sempre. Mas hoje, além do verde ou azul, antes tão vibrantes, consigo ver também uma tristeza e abandono.

— Como você está, Emília? — sua voz rouca retumba por meus ouvidos, fazendo-me sentir vontade de me perder naquele turbilhão de emoções que só ele traz à minha vida. No entanto, ela também me faz lembrar de tudo pelo que estou passando.

— Estou péssima, perdida, totalmente louca com tudo isso. Eu não quero ver os corpos dos meus pais dispostos daquela maneira, com aquele tanto de pessoas falsas aos seus redores.

— Sinto tanto, *meu amor*. — Victor enlaça minha cintura com um de seus braços, sua mão aperta minha cintura, enquanto a outra mão leva minha cabeça para o seu peito, aconchegando-me naquele lugar que é perfeito para mim.

Senti tanta falta desse carinho. E as lágrimas que pensei que tinham se esgotado voltam a cair.

— Não sei o que aconteceu, Victor — resolvo desabafar. — Meu pai nunca passava por aquela estrada, por que logo hoje?

Afasto minha cabeça do seu peito e encaro seu rosto, que já está mais envelhecido. A expressão de jovem o deixou, fazendo com que uma mais adulta tomasse sua face. A barba que

PERIGOSAS NACIONAIS

antes não existia agora preenche seu maxilar.

— Não sei, mas prometo que irei descobrir o que aconteceu com sua família.

Olho-o sem entender. Ele não poderia descobrir nada, pois não mora aqui. Ao perceber meu questionamento silencioso, continua:

— Irei passar uma temporada com vocês, como umas férias que, na verdade são só para te dar o apoio necessário.

— Obrigada, Victor — digo por fim, encarando seu rosto. Meus olhos focam em seus lábios em formato de coração e logo volto a encará-lo.

Aproximando sua cabeça da minha, ele encosta seu nariz no meu, e, olhando-me profundamente, diz:

— Eu te amo e te apoiarei sempre.

— Eu também te amo.

Roça seus lábios lentamente nos meus, sem aprofundar muito, pois sabemos que se deixássemos as coisas irem mais longe tudo ficaria pior. Logo ele se afasta e promete:

— Eu não irei embora enquanto não descobrir o que aconteceu, tudo bem?

— Tudo!

PERIGOSAS ACHERON

Volto a colar minha cabeça em seu peito, enlaço seu pescoço com meus braços, enquanto os dele repousam em minha cintura, aconchegando-me. Victor era o meu porto de esperança e segurança.

Algo me diz que essa temporada que ele passará no palácio trará muitas revelações para minha vida, mas não me importo com mais nada. Desde que ele me apoie nos momentos que eu precisar, estarei satisfeita e enfrentarei qualquer perigo que puder.

Sei que com Victor aqui no reino, depois que a tristeza me abandonar um pouco, eu poderei ter momentos de felicidade. E se for pra ter um resquício deste sentimento, eu irei trair o meu marido sem nem pensar duas vezes, porque em algum instante eu devo sentir-me amada novamente e essa oportunidade só acontecerá com Victor o meu primeiro e único amor.

Continua em Segredos
Revelados – Lançamento:
Dezembro de 2019

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

Obrigada ao grupo do meu coração “ Juntas e Shallow Now”.

Jéssica Laine, você sabe que é a maior apoiadora de todos os meus projetos Muito obrigada, meu amor!

Bia Carvalho, jujuba da minha vida. Obrigada pelo apoio, por se descontrolar comigo e por me ajudar em tudo que eu preciso. Por essa revisão linda, por ser a melhor amiga que alguém pode ter. Obrigada por ser meu *ser de luz*!

E aquele obrigada mais que especial para Lumie Studios por essa capa perfeita.